



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*FACTORES DE SATISFAÇÃO E STRESS NO PAI DIVORCIADO COM  
FILHOS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR*

---

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

**Joana Maria Pinho Cruz**

Porto, Julho de 2012



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*FACTORES DE SATISFAÇÃO E STRESS NO PAI DIVORCIADO COM  
FILHOS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR*

---

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Trabalho efectuado sobre a orientação

*Professora Doutora Elisa Veiga e Professora Dr.<sup>a</sup> Mariana Negrão*

Porto, Julho de 2012

## RESUMO

A fundamentação da presente dissertação assenta na exploração dos factores de satisfação e nos factores de *stress* na parentalidade do pai, divorciado, com filhos no pré-escolar.

Neste sentido, e para se compreender a percepção e os significados dos pais divorciados relativos a estes factores, procedeu-se a um estudo de natureza qualitativa.

Foi construído um Guião de Entrevista e efectuaram-se cinco entrevistas semi-estruturadas, cujo conteúdo foi analisado através da construção de um sistema de categorias, apoiado pelo *software* N Vivo 9.

Após a análise dos objectivos do presente estudo verificaram-se os seguintes resultados.

Os factores de satisfação, enunciados pelos pais, podem ser divididos em factores relativos: (1) relacionamento entre o pai e filho(a), nomeadamente a cumplicidade e os momentos íntimos existentes entre eles, e valorização do pai, pelo(a) filho(a); (2) papel do pai, nomeadamente a satisfação em guiar alguém e os ensinamentos do mesmo; (3) a competência parental; (4) factores exteriores ao contexto familiar, nomeadamente o desempenho académico e o reconhecimento do pai pelos outros, nomeadamente amigos e vizinhos.

Os factores de *stress*, enunciados pelos pais, dividem-se em factores relativos: (1) características do(a) filho(a), nomeadamente as birras; (2) sentimentos de insegurança e incerteza do pai bem como a ausência de controlo; (3) ao nível dos estilos educativos, a ambivalência; (4) as rotinas, como o jantar e o deitar; (5) a exigência das actividades lúdicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Satisfação parental; *Stress* parental; Parentalidade; Divórcio; Pré-escolar.

## ABSTRACT

The validity of the following dissertation is based upon the exploration of both stressing and satisfaction factors in parenthood, specifically to divorced fathers with children in pre-school.

So, in a effort to comprehend both the perception and the significance of divorced fathers when faced with these factors, it was performed a study pertaining these particular characteristics.

After an interview was created, five semi-open interviews were conducted and its contents were analysed through a category system, built with N Vivo 9.

Upon the goal analysis of the present study these were the results:

The satisfaction factors mentioned by the fathers may be divided in factors directly concerning the father/child relationship, (1) their bond (their complicity and their alone-time) and the appreciation the child shows towards the father; (2) the father's role as a guide, and the satisfaction one has in teaching someone; (3) their ability to perform their role as parents; (4) and then, there are the external factors to the familiar context, such as academic performance and the recognition of the father's role by other people like friends and neighbours.

The stressing factors mentioned by the fathers are (1) the child's individual characteristics, like the temper tantrums; (2) the fact that the parent may be unsure, uncertain pertaining his decisions and actions, as well as feel as if his not in control of the situation; (3) the parenting styles, the ambivalence; (4) the existence of routine, such as dinner and bedtime; (5) the existence of a scheduled playtime.

**KEYWORDS:** Parental satisfaction; Parental *stress*; Parenthood; Divorce; Preschool.

## AGRADECIMENTOS

À professora Mestre Lurdes Veríssimo e à professora Dr.<sup>a</sup> Mariana Negrão, pelo apoio e orientação ao longo deste ano e meio de trabalho, um muito obrigado por estarem presentes em mais uma fase da minha vida. À professora Doutora Elisa Veiga, pela orientação, na análise dos dados, e pela meticulosidade, o muito obrigado. À Catarina Carvalho, minha colega de dissertação, muito obrigado pelos momentos de ajustamento, companheirismo e disponibilidade.

Aos participantes do presente estudo que partilharam, comigo, uma parte das suas vidas, aqui fica o meu agradecimento pela disponibilidade, pelos ensinamentos e por terem contribuído para este estudo.

A todas as pessoas que “esgotaram” a sua rede de contactos à procura de participantes que integrassem no meu estudo: Helga Silva, Mónica Oliveira, Nuno Piloto e Soraia Afonso, e a todos quantos que de alguma forma me ajudaram, um muito obrigado. Sem a vossa ajuda, seria tudo mais difícil.

A todas as minhas colegas e amigas de mestrado, vocês sabem quem são, um muito obrigado pelo vosso carinho, amizade e disponibilidade, nos momentos felizes e nos momentos de maior *stress*, ao longo desta caminhada. Posso dizer que levo amigas para a vida.

Ao meu namorado e amigos, sempre presentes na minha vida, um muito obrigado pelo vosso carinho, compreensão, ânimo e ajuda, ao longo destes meses.

À minha família, incansável e sempre presente durante o meu percurso escolar bem como em todos os momentos da minha vida, sem exceção, um muito, muito obrigado pelo vosso amor incondicional, pela vossa paciência e pelas oportunidades que me foram dadas para investir na minha formação académica. Sem vocês, tudo isto não seria possível.

*“Se vi mais longe, foi por estar aos ombros de gigantes.”*

*Isaac Newton*

*Um sincero obrigado!*

## ÍNDICE GERAL

<b>I. Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>II. Enquadramento Teórico</b> .....	<b>3</b>
Parentalidade .....	3
Paternidade .....	6
Paternidade em Pais Divorciados .....	7
Satisfação Parental .....	9
<i>Stress</i> Parental .....	10
Filhos em idade Pré-Escolar .....	13
<b>III. Método</b> .....	<b>16</b>
<b>IV. Resultados</b> .....	<b>18</b>
<b>V. Discussão de Resultados</b> .....	<b>34</b>
<b>VI. Conclusão</b> .....	<b>47</b>
<b>VI. Referências Bibliográficas</b> .....	<b>50</b>
<b>VII. ANEXOS</b> .....	<b>56</b>

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo I:** Guião de Entrevista

**Anexo II:** Consentimento Informado

## I. INTRODUÇÃO

Os objectivos do presente estudo prendem-se com a exploração dos factores de satisfação e de *stress*, na parentalidade de pais divorciados, com filhos no pré-escolar.

Segundo Gomes (2010) para compreendermos a parentalidade e a família devemos atender aos vários sistemas (sistema conjugal, parental e fraternal) que a constituem, numa perspectiva sistémica. A família, actualmente, confronta-se com os desafios decorrentes da evolução da sociedade, nomeadamente, o aumento do divórcio, a alteração de valores e normas e a integração da mulher no mercado de trabalho. Estes desafios contribuíram para uma mudança nos papéis parentais (Taskin & Erkan, 2009), que possibilitaram que o homem desempenhasse um papel mais activo, conseguindo assim, criar uma relação de maior proximidade com os filhos (Bayle & Martinet, 2006).

Contudo, ainda que as mudanças no papel parental do pai sejam evidentes, quando comparado com o papel da mãe, este continua a ter uma menor participação nas tarefas diárias de educação dos filhos. Perante isto, os autores defendem que, ao longo dos últimos anos, o pai tem sido excluído do seu papel parental como consequência do divórcio ou do uso, cada vez mais frequente, de técnicas de fertilização (Balancho, 2004).

O processo de transição para a parentalidade é um processo lento, que se desenvolve ao longo do tempo (Cowan & Cowan, 1995) e, deste facto resultam programas que objectivam dotar os pais de competências para o desempenho do seu novo papel (Taskin & Erkan, 2009). Contudo, este processo de transição para a parentalidade, tem sido, ainda, pouco estudado pelos investigadores relativamente ao género masculino (Batles, 1998, cit in Hudson, Campbell-Grossman, Fleck, Elek & Shipman, 2003).

Porém, quando investigamos a satisfação parental no pai, percebemos que existem vários estudos, ainda que poucos sejam aqueles que abordam os factores de satisfação de uma forma directa, ou relativos à satisfação no quotidiano.

Os estudos associam a satisfação parental à auto-eficácia dos pais (Hudson, Elek & Fleck, 2001), na medida em que quanto maior é a auto-eficácia, maior é a competência parental, e à satisfação conjugal (Lee & Doherty, 2007).

Por outro lado, os estudos relativos ao *stress* parental tendem a focar-se maioritariamente nas mães (Cain & Orme, 2005; Kwon, 2007; Williford, Calkins & Keane, 2006) ou em amostras separadas de mães e pais (Putnick, Bornstein, Hendricks, Painter, Suwalsky & Collins, 2010); em situações em que se verifica a presença de disfunções, tais como autismo e síndrome de Down (Dabrowska & Pisula, 2010), no consumo do álcool (Halme, Tarkka, Nummi & Astedt-Kurki, 2006) e nos problemas de comportamento (Kwon, 2007; Williford, Calkins & Keane, 2006). Desta forma, os autores

salientam as poucas investigações que têm sido realizadas em relação aos factores de *stress* parental dos pais do *género* masculino e que se encontrem divorciados (DeGarmo, Patras & Eap, 2008).

Ao percepcionarmos as lacunas da investigação referidas acima, bem como os desafios e mudanças resultantes da evolução da sociedade, pode-se compreender a pertinência deste estudo na actualidade.

A presente dissertação está estruturada em cinco partes: Enquadramento teórico, Método, Resultados, Discussão de Resultados e Conclusões. No enquadramento teórico serão abordadas as temáticas da parentalidade e da parentalidade no divórcio, a satisfação e o *stress* parental e a fase de desenvolvimento do pré-escolar. Nos resultados procedeu-se à descrição do sistema de categorias e na discussão dos resultados, estabeleceu-se a ponte entre os dados obtidos e as referências bibliográficas, respondendo, assim, às questões de investigação do estudo.

Por fim, procedeu-se à conclusão onde serão destacados os aspectos relacionados com as limitações encontrados ao longo do estudo, implicações para a prática e sugestões para futuras questões de investigação.

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 – Parentalidade.

Visto que o presente estudo aborda a temática da parentalidade, é crucial compreender alguns modelos relativos à transição dos pais para parentalidade.

De acordo com Bayle (2005), a parentalidade consiste num processo maturativo e de reestruturação psicoafectiva que possibilita que dois adultos se desenvolvam como pais, na medida em que estes respondem às várias necessidades das crianças (necessidades físicas, psicológicas e afectivas). Contudo, com a evolução da sociedade o conceito de família modificou-se ao longo dos anos e, conseqüentemente, os papéis parentais (Bayle, 2005). Em consequência desta evolução, vigoram na sociedade outros modelos de família, nomeadamente, as famílias monoparentais, que se caracterizam pela perda de um dos cônjuges, por morte ou divórcio, (Pinto, 2005), sendo a última condição o foco deste estudo.

De acordo com Cowan e Cowan (1988 cit in Heinicke, 1995), a maioria dos estudos existentes sobre a transição para a parentalidade referem a existência de um declínio significativo da satisfação conjugal (Belsky & Pensly, 1988 cit in Heinicke, 1995), devido ao nascimento do primeiro filho (Hobbs & Coles, 1976 cit in Heinicke, 1995). Neste sentido, os autores apresentam as mudanças encontradas nos casais que experienciaram a parentalidade pela primeira vez, através de cinco domínios do funcionamento familiar, nomeadamente: i) características de cada indivíduo – auto-estima e *self*; ii) a interacção marital: papéis e comunicação; iii) a relação entre os pais e a criança; iv) a perspectiva transgeracional; v) balanço entre os eventos de vida stressantes e o suporte social (Cowan & Cowan, 1988 cit in Heinicke, 1995, pg. 279). Relativamente ao primeiro domínio, verifica-se um aumento considerável da auto-estima da mãe, desde a gravidez até aos seis meses posteriores ao parto, contudo o mesmo não acontece para os companheiros (Heinicke, 1995).

O segundo domínio, a partilha de papéis e os estilos de comunicação assume um papel crucial para a satisfação conjugal (Heinicke, 1995). O pai tende a assumir o papel tradicional, relativamente à divisão de tarefas e, conseqüentemente, demonstra uma diminuição da satisfação conjugal. Isto porque a satisfação conjugal relaciona-se com as tarefas domésticas e de educação dos filhos, no entanto, mais importante que a tarefa de educar são os sentimentos de cada pai face à partilha das tarefas domésticas (Heinicke, 1995). Neste sentido, a comunicação entre o casal assume um papel importante na medida em que trocam informações e expectativas acerca da partilha de tarefas, sentimentos e carinho, tomada de decisões e resolução de conflitos.

Quanto ao terceiro domínio prende-se com o relacionamento entre os pais e a criança, ao nível da influência do relacionamento positivo do casamento (Heinicke, 1995).

O quarto domínio relaciona-se com a perspectiva transgeracional, ou seja, a influência dos próprios pais, dos pais que se encontram em processo de adaptação à parentalidade (Heinicke, 1995). Neste sentido, os pais, do género masculino, demonstram uma maior satisfação conjugal quando tinham uma relação positiva com os seus pais, sendo mais intensa com a mãe.

O quinto e, último, domínio está relacionado com o facto do suporte do sistema familiar desempenhar um papel de protector face aos eventos de vida stressantes, ainda que dependa do tipo de suporte (pais e amigos) ou do tipo de suporte (emocional, de socialização, de orientação, entre outros) (Heinicke, 1995).

Hoghugh (2004), citado por Barroso e Machado (2011), apresenta um modelo de parentalidade no qual esta é representada por onze dimensões, e no qual é possível avaliar as práticas parentais, sendo que estas últimas são divididas em i) actividades parentais; ii) áreas funcionais e iii) pré-requisitos. Nas actividades parentais, destacam as dimensões relativas ao cuidado – físico (alimentação, vestuário, protecção, entre outros), emocional – (interacção positiva entre a criança e o ambiente) - e social – (relacionada com competência social); desenvolvimento – expectativas parentais em relação ao seu potencial, na medida em que se criam novas oportunidades - e controlo e disciplina – imposição de limites e regras e monitorização do comportamento da criança -, no qual se pretende prevenir contra as adversidades e promover acontecimentos positivos que a influencie e ajude ao longo da sua trajectória de vida. Quanto às áreas funcionais, estas relacionam-se com os aspectos que englobam as características do funcionamento da criança e que podem requer monitorização parental, ao nível da saúde física e mental e do comportamento social (Barroso & Machado, 2011).

E, por último, a dimensão dos pré-requisitos, onde são incluídos o conhecimento e compreensão, ao nível das necessidades dos filhos; a motivação para a parentalidade (nomeadamente, ao nível dos papéis sociais e identidade de género dos pais); os recursos, ao nível das competências e qualidades parentais e, por fim, as oportunidades, na medida em que os pais têm tempo para desenvolver e desempenhar as competências parentais (Barroso & Machado, 2011).

Com o modelo de Hoghugh (2004), citado por Barroso e Machado (2011), pode-se compreender a complexidade no processo de educar os filhos e como é importante a presença dos pais para o desenvolvimento dos filhos.

Uma vez que se aborda a parentalidade, importa referir quais são as determinantes das práticas disciplinares dos pais. De acordo com Cruz (2005), as práticas deste pode ser influenciado por três variáveis: i) variáveis relativas à interacção (características do comportamento inadequado da criança e características do ambiente envolvente); ii) variáveis das crianças e dos pais; iii) os factores sociodemográficos.

Em relação à primeira variável, os estudos realizados acerca das interacções disciplinares entre pais e filhos sugerem que os pais não reagem no imediato aos comportamentos que consideram

inadequados dos filhos, uma vez que, perante um comportamento inadequado, utilizam as diferentes técnicas disciplinares e em função das circunstâncias (Cruz, 2005). Isto significa que os pais diferenciam o seu comportamento disciplinar de acordo com a gravidade do comportamento; com o facto de este ser considerado uma transgressão moral vs. convencional, ou seja, quando o comportamento inadequado do filho prejudica emocional alguém ou falta ao respeito vs. comportamento social; o comportamento inadequado da criança numa situação social, com outros adultos e inclusive os pais e, por fim, o local onde esse comportamento sucede, ou seja, expressão de sentimentos como a zanga ou irritação no foro privado, sendo também uma característica cultural, ao invés do foro público (Cruz, 2005).

A segunda variável significa que o comportamento educativo dos pais varia consoante as características da criança, tais como o género, a idade e o temperamento dos filhos, e consoante as características dos pais, tais como as características da sua personalidade e com a relação com os próprios pais (Cruz, 2005, pg. 88). A terceira e última variável constitui-se por variáveis sociodemográficas ou *distais*, isto é, não dependem da interacção dos pais como filhos, e estas variáveis podem ser os factores de *stress* parental e o suporte social, factor de protecção contra o *stress*; da educação dos pais e da cultura onde estão inseridos (Cruz, 2005), factores relacionados com o objectivo do presente estudo.

Ainda ao nível da parentalidade, Baumrind e colaboradores construíram uma taxonomia de padrões educativos parentais (Baumrind, 1971 citado por Cruz, 2005), nomeadamente: i) autorizado, no qual existe um equilíbrio entre o afecto e as exigências, apresentando níveis elevados de controlo, sendo que a comunicação é base da relação; ii) autoritário, onde predomina um nível elevado de controlo e pouco afecto e vinculação com os filhos; iii) permissivo, onde ocorre um nível médio de afecto e amor mas baixos níveis de controlo e exigência; e o iv) negligente, no qual os pais tendem a demitir-se da sua função parental, não apoiam, não exigem e não impõem regras aos filhos (Cruz, 2005). Embora os estilos educativos não sejam um objectivo do presente estudo, estes relacionam-se com o *stress* implícito da condição de pai divorciado, que será discutido nos resultados.

Podemos, então, concluir que o sistema familiar é um sistema complexo, onde os todos os actores se influenciam e no qual os pais têm uma responsabilidade acrescida. Neste sentido, a satisfação e o *stress* estão implícitos na tarefa educativa, devido às suas exigências e satisfações. Seguidamente, será abordada a paternidade, visto que os participantes do presente estudo são os pais do género masculino.

## **2.2 - Paternidade.**

Durante algum tempo, a educação parental dos pais do género masculino foi uma área negligenciada, como afirma Levant (1988), e desta forma, a modificação do papel parental permitiu a criação de alguns programas parentais com o objectivo de apoiar os pais na aprendizagem do seu novo papel e na aquisição de novas competências (e.g., sensibilidade com as crianças, gestão da expressividade, nutrição, entre outros). Contudo, Taskin e Erkan (2009), mencionam que os estudos ainda se restringem ao género feminino, por serem as mulheres a desempenhar o papel de cuidadoras primárias e mais fáceis de se chegar.

De facto, o interesse dos investigadores pela paternidade tem aumentado ao longo das últimas décadas (Madsen, Lind & Munck, 2007), devido às questões de custódia conjunta, à importância do relacionamento pais e filhos e as consequências da ausência do pai (Blankenhorn, 1995).

Outro factor importante poderá ser o facto de a mulher estar integrada no mercado de trabalho, aumentando as expectativas do papel do pai (Appl, Brown & Stone, 2008). Se, no passado, o pai era valorizado pelo suporte financeiro e instrumental (Gomez, 2005) como uma possível consequência da mãe ser cuidadora primária, actualmente surge uma redefinição do papel do pai, pois estes passam a estar envolvidos nos cuidados e nas necessidades emotivas dos filhos.

Neste sentido, os estudos demonstram que o pai procura envolver-se mais na vida dos filhos, na medida em que participa das suas brincadeiras, ao mesmo tempo que procura ter um papel activo no respeito à prestação de cuidados e aos compromissos sociais que envolvem a criança (Fitzgerald e Montanez, 2001). Assim, quando os pais estão envolvidos com os filhos, os autores mencionam que estes são menos violentos, controlam melhor os seus impulsos e são mais sociáveis (Rump, 2002).

Fein (1987), citado por Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), apresenta três perspectivas diferenciadoras, em relação à paternidade: i) a tradicional, considera um pai que desempenha o papel de suporte emocional, de poder e autoridade e não se envolve com os filhos; ii) a moderna, consiste no pai que está presente no desenvolvimento moral, escolar e emocional do filho e iii) a emergente, no qual se considera que o pai é psicologicamente capaz de se envolver na tarefa de educação dos filhos, contribuindo para o seu desenvolvimento, o desenvolvimento da identidade de género e rendimento académico. O autor também menciona que o divórcio pode ser um factor de aproximação do pai com os filhos (cit in Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004), como se poderá verificar nos resultados do presente estudo.

De acordo com Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro, (2004) o afecto contribui para a cumplicidade e aproximação do pai com o filho e ajuda o pai a vincular-se genuinamente.

Quanto à paternidade dos pais divorciados, os estudos afirmam que o envolvimento com os filhos vai evoluindo, ao nível da qualidade, ao longo do tempo, na medida em que, durante o tempo que passam juntos, estão completamente envolvidos e dedicados um ao outro, aumentando a cumplicidade e intimidade entre eles (Ramires, 1997),

### **2.3 – Paternidade em Pais Divorciados.**

Tendo por base o objectivo deste estudo, em que se pretende compreender os factores de satisfação e *stress* em pais divorciados, será importante abordar o divórcio e o seu impacto na parentalidade.

Antes de mais, parece pertinente explicar o que consiste o divórcio, em termos de enquadramento legal. De acordo com a Lei nº 61/2008, art.. 1773 e 1781 do Código Civil, fala-se de *divórcio* quando há a dissolução legal do vínculo do casamento em vida de ambos os cônjuges, que pode ser requerido de um deles contra o outro – designado por *divórcio litigioso* ou, de acordo com a nova lei do divórcio pode ser designado por *divórcio sem consentimento de um dos cônjuges* – ou pelos dois – *mútuo consentimento*, conferindo às partes o direito de casar, posteriormente (INE, 2012). Ao nível das responsabilidades parentais, o art.. 1901º do decreto-lei referido anteriormente menciona “ 1 – na constância do matrimónio, o exercício das responsabilidades parentais pertence a ambos os pais”, que deverão “2 – (...) exercer as responsabilidades parentais de comum acordo, e se este faltar em questões de particular importância, qualquer deles pode recorrer ao tribunal, que tentará a conciliação”. O mesmo decreto-lei afirma que “ 2 – (...) o tribunal determinará a residência do filho e os direitos de visita de acordo com o interesse deste, tendo em atenção todas as circunstâncias relevantes, designadamente o eventual acordo dos pais e a disponibilidade manifestada por cada um deles em promover relações habituais do filho com o outro”.

Por guarda conjunta, entende-se como a guarda jurídica atribuída a ambos os genitores, residentes em locais separados. De acordo com Furstenberg e Nord (1985), citado por Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), a guarda conjunta é uma forma de organização familiar, na medida em que ambos os pais biológicos encontram-se envolvidos em todos os domínios da vida dos seus filhos e, por conseguinte, não seria o divórcio a afastá-los, mas o facto de os pais não residirem juntos. Importa referir que a maior parte dos pais do presente estudo, não recorreu ao tribunal para decidir as responsabilidades parentais, que foram atribuídas por mútuo acordo. Contudo, não deixa de ser guarda conjunta, uma vez que as responsabilidades são atribuídas a ambos os progenitores residentes em locais separados.

No seguimento do que tem sido abordado, a situação marital e relacional entre os pais é um factor importante no desenvolvimento da criança (Gomes, 2010). Consequentemente, os progenitores que se encontram divorciados têm uma maior probabilidade de viver uma situação de instabilidade familiar do que as famílias onde os progenitores se encontram casados (Horn, 2006).

DeGarmo, Patras e Eap, (2008) realizaram um estudo acerca do apoio social nos pais divorciados do género masculino e obtiveram conclusões importantes, como seja a falta de conhecimento sobre os factores determinantes do papel do pai após o divórcio, embora seja de salientar o recente interesse demonstrado por parte de alguns investigadores em estudar este fenómeno.

A fase posterior ao divórcio é caracterizada por um sentimento de perda, quer do casamento quer das expectativas e esperanças subjacentes, e, em alguns casos, a perda de um companheiro ou amigo de longa data (Weinraub & Gringlas, 1995). Estas perdas têm um impacto no bem-estar do pai, no seu relacionamento com outras pessoas e com os filhos (Weinraub & Gringlas, 1995).

Relativamente aos impactos do divórcio na criança, os estudos demonstram que o divórcio sem consentimento de um dos cônjuges poderá contribuir para a maior exibição de problemas de comportamento, comparativamente com as crianças de pais não casados (Hetherington & Stanley-Hagen, 1995), que poderão surgir como uma consequência aos problemas de família, conflitos e à incompetência parental (Hetherington & Stanley-Hagen, 1995).

Weinraub e Gringlas (1995) mencionam que os pais desenvolvem uma maior proximidade e envolvimento na vida das crianças, numa situação pós-divórcio; reportando que passam menos tempo com os seus filhos do que gostariam (De Frain & Eircick, 1981 cit in Weinraub & Gringlas, 1995). Contudo, Stone (2002) menciona que os pais parecem desresponsabilizar-se do seu papel parental após o divórcio e os pais com custódia confiam mais numa nova companheira, pois contribui para o ajustamento do pai à sua nova realidade.

Nesta etapa, os pais demonstram sentimentos de exaustão e isolamento social e preocupações relativas à sua competência parental (Hethering & Stanley-Hagan, 1995). Stone (2002) reporta que, embora a maior parte dos estudos acerca do apoio social no divórcio se centre nas mães, são os pais que recebem mais ofertas de apoio social da família e comunidade. Contudo, a probabilidade de aceitarem esse apoio é menor, de acordo com Weinraub & Gringlas (1995). O facto de os pais terem um sistema de suporte mais extenso, quando comparado com as mulheres pode justificar a sua percepção acerca do relacionamento com os filhos com menos problemas (Furstenberg, 1988 cit in Weinraub & Gringlas, 1995).

Relativamente às tarefas domésticas, os estudos mencionam que os pais assumem com maior probabilidade (Chase-Lansdale & Hetherington, 1990 cit in Weinraub & Gringlas, 1995), e demonstram menos competência de monitorização das actividades das crianças (Buchanan, Maccoby & Dornbusch, 1992 cit in Weinraub (&) Gringlas, 1995).

Relativamente aos estilos parentais, os estudos mencionam que os pais tendem a ser mais permissivos com os filhos (Dornbusch (&) Gray, 1988 cit in Weinraub & Gringlas, 1995), na medida em que concedem o solicitado pelos mesmos, por não estarem tanto tempo com eles.

Após a abordagem da parentalidade, paternidade e paternidade nos pais divorciados, importa referir a satisfação parental e o *stress* parental, uma vez que se tratam dos objectivos do presente estudo.

#### **2.4 - Satisfação Parental.**

A transição para a parentalidade é uma transição para um novo papel com novas funções e regras (Costa, 2011). De acordo com Vieira, Ávila e Matos (2012) o conceito de *satisfação parental* pode ser descrito como a satisfação sentida no papel parental e/ou pelo filho, bem como o sentimento de gratificação de ter um filho para cuidar (Mouton & Tuma, 19882).

Mammem, Kolko e Pilkonis (2003) mencionam que a literatura não se tem focado nas tarefas educativas que contribuem para a satisfação parental dos pais. Contudo, os estudos afirmam que a satisfação parental pode estar relacionada com o género da criança (Elek, Brage, Hudson, & Bouffard, 2003) e com o ciclo de vida da família em que os pais se encontram (Brage, Hudson, Campbell-Grossman, Elek, Fleck, & Shipman, 2003).

Outros estudos afirmam que para obter satisfação parental os pais necessitam de ser eficazes nas tarefas parentais e de estabelecer e manter relacionamentos (Hudson *et al.*, 2001). Neste sentido, a satisfação dos pais deve ser promovida desde cedo, na medida em que esta poderá influenciar o envolvimento dos pais na interacção com os filhos, ao longo do tempo (Lee & Brage, 1989).

Relativamente à auto-eficácia e, uma vez que esta aumenta a satisfação parental, é importante salientar a Teoria de Auto-eficácia de Bandura (2006 cit. in Hudson *et al.*, 2001). Segundo Bandura, a auto-eficácia consiste na crença do ao efectuar de forma eficaz uma dada tarefa específica e de a cumprir com sucesso. Esta crença da sua capacidade é variável de situação para situação (Hudson *et al.*, 2001). Os níveis elevados de auto-eficácia permitem, ao indivíduo, sentimentos de bem-estar e perseverança. Estes esforços bem-sucedidos para realizar uma tarefa específica numa dada situação são influenciados pelas experiências passadas do sujeito, tais como a modelagem, os elogios ou

estímulos, e permitem a ocorrência de uma parentalidade cuidada e de sucesso (Hudson *et al.*, 2001). Esta teoria pressupõe uma relação positiva entre a auto-eficácia percebida e as expectativas dos resultados, conseqüentemente, os pais estão mais satisfeitos com a parentalidade quando desenvolvem níveis elevados de auto-eficácia (Hudson, *et al.*, 2001). O mesmo autor menciona que esta relação não tem sido destacada pela literatura.

Os autores Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) mencionam que os pais divorciados poderiam sentir satisfação na separação, na medida em que esse factor poderia servir de exemplo para os filhos procurarem relações felizes e satisfatórias em detrimento de relações infelizes e insatisfatórias.

## **2.5. - Stress Parental.**

Sendo um dos objectivos deste estudo a compreensão dos factores de *stress* na parentalidade, é importante, em primeiro lugar, definir *stress* e, posteriormente, relacioná-lo com o *stress* parental, tendo como base a literatura científica.

### *2.5.1. Definição de Stress.*

Mota-Cardoso, Araújo, Ramos, Gonçalves e Ramos (2002) definem o *stress* a partir de três interpretações: i) condição ambiental que perturba o funcionamento regular da pessoa; ii) resposta do organismo, que pode ser automática e global, a um agente externo que perturba o funcionamento regular da pessoa; iii) desequilíbrio entre as exigências do contexto e os recursos do indivíduo e as suas capacidades de resposta (Leventhal & Nerenz, 1983, cit in Mota-Cardoso *et al.*, 2002).

Os mesmos autores afirmam ainda que o *stress* se situa nas “transacções dos indivíduos e contextos” (p.11), isto é, no confronto com outras pessoas e nos contextos de vida, especialmente com aqueles que são mais importantes para o indivíduo. São denominados de factores de *stress* ou *stressores*, as “adversidades, resistências e constrangimentos” (p.11) percebidas pelo indivíduo e com os quais este é confrontado, assim como os seus esforços para se adaptar ao mesmos, e que vão afectar o ambiente (Mota-Cardoso *et al.*, 2002). Neste sentido, são realizadas duas avaliações cognitivas face às situações de *stress*, nomeadamente a avaliação primária, no que diz respeito às exigências que são impostas ao indivíduo, e a avaliação secundária, relativa aos recursos que o indivíduo possui para enfrentar a situação ameaçadora ou perigosa (Mota-Cardoso *et al.*, 2002). Perante isto, os autores afirmam que as experiências de *stress* são “maioritariamente determinadas pela subjectividade de avaliação cognitiva” (Mota-Cardoso *et al.*, 2002).

Perante esta definição, é importante salientar a importância das estratégias de *coping* que assumem um papel importante perante uma situação de *stress*. Isto é, perante uma situação de

stressante, o indivíduo adopta estratégias para lidar com a situação, com objectivo de resolver ou minimizar o desequilíbrio entre as exigências do meio e os recursos disponíveis do sujeito e proporcionar-lhe bem-estar (Mota-Cardoso *et al.*, 2002).

### 2.5.2. *Stress Parental*

As autoras Vieira, Ávila e Matos (2012) definem o *stress* parental “*como a percepção de uma tensão excessiva, com impacto na homeostasia familiar, devido ao conflito entre as exigências parentais e os recursos do indivíduo*” (Osterberg, Hagekull & Hagelin, 2007). As autoras Cuskelly, Hauser-Cram, e VanRiper (2008) defendem que o *stress* é intrínseco à parentalidade, na medida em que todos os pais experienciam situações de *stress* devido à exigência de recursos emocionais e físicos (Cuskelly, Hauser-Cram, & VanRiper, 2008). Consequentemente, o *stress* surge como uma resposta emocional dos pais face às exigências parentais bem como às características da criança, nomeadamente do seu temperamento e personalidade (Cuskelly, Hauser-Cram, & VanRiper, 2008).

Pela pesquisa efectuada acerca do *stress* parental este poderá ser definido em duas linhas: uma relacionada com o *stress* ou aborrecimentos do dia-a-dia, ou seja, dos acontecimentos *minor* (e.g. Crnic & Low, 2002) implícitos na parentalidade e outra focalizada nas relações entre os pais e filhos (Webster-Stratton, 1990).

Um dos modelos destacados é o de Abidin (2005), que salienta três grupos de factores de *stress*, que o autor identificou na sua experiência enquanto pai (cit in Abidin & Santos, 2003), tais como:

- i) características da criança, em que poderá estar associado às características da sua personalidade ou problemas de comportamento (Moffitt & Caspi, 2001), expectativas dos pais face a e o reforço dos pais (Abidin & Santos, 2003).
- ii) características dos pais, nomeadamente a personalidade, dificuldade em desempenhar os papéis parentais (Abidin & Santos, 2003) ou à interacção disfuncional entre os pais e os filhos (Abidin, 2005 cit. in Putnick, Bornstein, Hendricks, Painter e Suwalsky, 2008);
- iii) variáveis situacionais relacionadas com o funcionamento dos pais (Webster-Stratton, 1990).

De acordo com Abidin e Santos (2003) estas três fontes de *stress* podem exacerbar o *stress* parental, e, neste sentido, o *stress* é multideterminado.

Explorando, então, de uma forma mais aprofundada, os três grupos de factores de *stress*, de acordo com a divisão de Abidin (2005), os autores Crnic e Low (2002) mencionam que as características pessoais das crianças, como a personalidade e temperamento poderão ser relevantes

enquanto *stressores*, no entanto, os autores defendem que essas características, por si só, não serão suficientes para que os pais experienciam situações geradoras de *stress* parental.

As investigações têm deliberado sobre o facto de uma parentalidade pobre na infância proporcionar a problemas de saúde mental na vida adulta (Mallers, Charles, Neupert & Almeida, 2010). Os mesmos autores afirmam que uma educação rígida ou negligente poderá contribuir para o desenvolvimento pobre da regulação emocional das crianças, tornando-as mais predispostas ao *stress* emocional na vida adulta (Mallers *et al.*, 2010).

De acordo com Putnick *et al.*, (2010) o *stress* pode ainda estar relacionado com o facto de os pais terem crianças mais novas, como por exemplo, em idade pré-escolar, situação que conduz a situações de níveis de *stress* médios, semelhantes em ambos os pais, e conseqüentemente, problemas de comportamento nas crianças, devido ao *stress* parental. Já os autores Crnic e Low (2002) generalizam a situação de *stress* a todas as classes sociais e a múltiplos contextos, encarando-a como uma experiência universal.

Desta forma, é importante referir que existem vários *stressores* que influenciam a parentalidade, contudo e no seguimento do que foi referido em cima, a maioria dos pais experiencia fontes de *stress* devido às exigências da parentalidade. Contudo, enquanto alguns pais, ao confrontarem-se com situações stressantes aumentam o seu desenvolvimento parental e, conseqüentemente, a sua competência, outros demonstram mais conflitos e, por sua vez, os sintomas de *stress* aumentam (Webster-Stratton, 1990). Assim, as experiências de *stress* parental no quotidiano podem ser relacionadas com as características dos pais e às crenças que este tem em relação aos filhos, com as características dos filhos, como já foi referido anteriormente e ainda com as transições do ciclo de vida (Crnic & Low, 2002). Neste sentido, o *stress* diário influencia o bem-estar psicológico dos pais e o seu comportamento para com a criança (Crnic & Low, 2002).

Crnic e Low (2002) mencionam ainda que os factores individuais ou familiares poderão actuar como moderadoras no *stress* parental. Neste sentido, os autores DeGarmo, Patras e Eap, (2008) propõem no seu estudo relativo ao suporte social dos pais divorciados, através de uma avaliação realizada aos indivíduos e do uso do “*Stress-Buffering Model*”, que níveis altos de apoio social atenuam o impacto negativo dos agentes *stressores*, e que o apoio social contribui para a qualidade parental. Conseqüentemente, os mesmos autores afirmam que indivíduos com baixos níveis de apoio social têm maior probabilidade de experimentar os impactos negativos do *stress*.

No modelo de Webster-Stratton (1990) de *stress* parental, os autores mencionam que os factores de *stress* exigem que os pais utilizem estratégias de *coping*, pois a intensidade que estes factores têm na parentalidade depende do bem-estar psicológico dos pais e dos recursos disponíveis, tais como suporte social. A forma como os pais lidam com os factores stressantes interfere com as práticas parentais, na medida em que é feita a avaliação desses factores stressantes, pelos pais. DeGarmo, Patras & Eap (2002) reforçam esta ideia ao especificar que as práticas parentais e os conflitos entre os

pais contribuem para o aumento do *stress* parental nos pais divorciados (DeGarmo, Patras & Eap, 2002.)

Tendo por base o objectivo do presente estudo é de notar que o divórcio também está associado a um nível elevado de *stress*. Depois de uma situação de divórcio ocorrem muitas mudanças no seio familiar, nomeadamente a mudança da responsabilidade de dois educadores na mesma casa para um, alterações nas rotinas diárias e o ambiente familiar, que são preditores de *stress* para o pai divorciado (Hetherington & Stanley-Hagan, 1995). Desta forma, as designadas *famílias monoparentais* são consideradas um factor de risco de *stress* parental (Ricciuti, 2004).

DeGarmo, Patras e Eap (2002) mencionam ainda que os pais, do género masculino, que se encontrem numa situação de pós-divórcio estão vulneráveis a experienciar elevados níveis de *stress*, por não estarem preparados para desempenhar o papel de cuidadores primários.

#### **2.4 – Filhos em idade Pré-escolar.**

Tendo por base a temática da dissertação, é crucial referir o período pré-escolar para, posteriormente, compreender a parentalidade neste período de vida dos filhos. De acordo com Relvas (2004) este período, decorrente dos três aos cinco anos de idade, representa a criação de um espaço para os filhos e da definição dos papéis parentais.

A literatura menciona algumas teorias de desenvolvimento caracterizadoras desta etapa e que, conseqüentemente, permitem compreender os desafios que os pais enfrentam nesta etapa. Um destes desenvolvimentistas é Sigmund Freud que salienta, no período dos três aos sete anos de idade – designado por *Estádio Fálico* -, a identidade sexual como um dos aspectos mais importantes para construção da personalidade (Sprinthall & Sprinthall, 1993), uma vez que a criança demonstra ter uma ligação com o pai do género oposto e, posteriormente, identificar-se com o pai do mesmo género (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Posteriormente, Erik Erikson (Sprinthall & Sprinthall, 1993), um dos alunos de Freud, modernizou a sua teoria numa sequência de estádios ou crises relativas ao desenvolvimento da personalidade. De acordo com os autores, o período do pré-escolar é dividido em dois estádios, nomeadamente: i) *Autonomia versus Vergonha* e ii) *Iniciativa versus Culpa* (Sprinthall & Sprinthall, 1993). O primeiro estádio significa que, no período entre os dois e três anos de idade, a criança necessita de ser autónoma e independente no desenvolvimento pessoal e na exploração do mundo, passando assim, do controlo dos pais ou cuidadores para o seu auto-controlo. Contudo, a rigidez que alguns pais apresentam em deixar os filhos serem autónomos sem interferências, poderá contribuir para a falta de auto-controlo dos mesmos (Sprinthall & Sprinthall, 1993). Nesta sequência, Papalia,

Olds e Feldman, (2001) defendem que durante esta fase a criança necessita de limites apropriados e que a dúvida e vergonha características deste estágio, ajudam-na a reconhecer os seus limites e aprender a viver consoante os mesmos. Sendo esta etapa caracterizada pela persistência das crianças em testar as suas novas ideias e a noção de que são detentoras de algum controlo, a resistência à autoridade – *negativismo* - atinge o seu potencial entre os três e os quatro anos de idade, constituindo-se numa forma de desenvolvimento da autonomia (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

No segundo estágio, referente ao período dos três aos seis anos de idade, a criança desenvolve a iniciativa ao planear e realizar actividades, sendo que algumas vão de encontro ao expectável e socialmente correcto e outras entram em conflito com a consciência da criança. Se nesta etapa a criança tiver a oportunidade de ser autónoma, com orientação e limites, esta desenvolverá a coragem necessária para atingir os seus objectivos – finalidade - sem sentimentos de culpa ou medo de punição (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Jean Piaget, citado por Papalia, Olds e Feldman (2001), caracteriza o período pré-escolar como o *estádio pré-operatório* - segundo estágio do seu modelo de desenvolvimento cognitivo -, que sucede entre os dois e os sete anos de idade e no qual as crianças usam o *pensamento simbólico* de uma forma mais complexa. Isto significa que as crianças são capazes de utilizar representações mentais, como palavras, números ou imagens e atribuir-lhes um significado (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Esta *função simbólica* é evidenciada pela aquisição da linguagem, pelo *jogo simbólico* e pela *imitação diferida* - repetição de uma acção observada anteriormente. Paralelamente, as crianças demonstram ser capazes de associar ligações de causa-efeito e ainda de classificar objectos e pessoas em relação às suas semelhanças e diferenças (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Embora nesta etapa desenvolvimental as crianças não consigam descentrar de si próprias, estas demonstram ser empáticas - condição importante para formar e manter relações - e com muita capacidade imaginativa – animismo (Papalia, Olds e Feldman, 2001). Nesta sequência, este estágio de desenvolvimento é caracterizado como a *idade do jogo* uma vez que o pré-operatório é dominado pela fantasia e pelos *jogos de faz-de-conta* - envolve pessoas ou situações imaginárias (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Desta forma, os pais não devem restringir a criança a uma socialização precoce ou ao ensino da leitura e escrita, mas proporcionarem-lhe momentos de brincadeira com eles (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Apesar das críticas que foram realizadas às teorias desenvolvimentistas, a autora Edwards (1995) resume, por assim dizer, esta fase de desenvolvimento em seis tarefas características que nos permitem compreender este período. Estas são: i) *autonomia* e a *independência*; ii) *auto-conceito categórico* e o início da *auto-reflexão*; iii) *impulso ou auto-controlo*; iv) *moralidade, empatia e padrões*; v) *identidade de género*; vi) o início da sua *integração na sociedade*.

Fala-se de *autonomia e independência* quando a criança começa a ser capaz de realizar as tarefas diárias, como vestir, alimentar, tratar a higiene, brincar, sozinha (Edwards, 1995). *O auto-conceito categórico* significa que a criança é capaz de se reconhecer bem como as suas acções, pensamentos e ideias e que começa a realizar uma auto-avaliação de forma reflexiva (Edwards, 1995). Quando se fala de *impulso ou auto-controlo*, quer-se dizer que a criança começa a ser capaz de regular o seu comportamentos e as suas emoções e assim corresponder às expectativas dos adultos, na medida em que consegue esperar, resistir à tentação, agradecer e corresponder às ordens dos adultos mesmo que não seja no imediato (Edwards, 1995). Em relação à tarefa da *moralidade, empatia e padrões ou limites*, esta é relativa à capacidade da criança atender às perspectivas e necessidades dos outros, de respeitar as regras e os padrões culturais e, simultaneamente, de demonstrar sentimentos de angústia ou ansiedade quando os padrões culturais não são respeitados (Edwards, 1995). Por *identidade de género* compreende-se que a criança seja capaz de identificar o seu próprio género e o dos outros e reconhecer que essa identidade dura ao longo da vida. Paralelamente, a criança conhece os comportamentos adequados e atribuídos ao género feminino e masculino e, prefere imitar e afiliar com as pessoas do mesmo género. Para terminar, nesta fase de vida a criança inicia a sua integração na sociedade, como por exemplo, pertença a um grupo de infância, e aprende a interagir socialmente e de uma forma adequada (Edwards, 1995).

Como foi referido anteriormente, a autora refere que estas tarefas desenvolvimentais são universais, na medida em que sucedem na maioria das crianças, ainda que os ritmos de desenvolvimento possam ser diferentes (Edwards, 1995).

De acordo com as autoras Papalia, Olds e Feldman (2001) este período é ainda caracterizado pelo desenvolvimento das competências motoras grossas – envolvem os músculos maiores – e das finas – envolvem os músculos pequenos. Isto significa que, de acordo com as autoras, as crianças conseguem alterar os pés enquanto sobem e descem, conseguem galopar e saltar bem como apertar os cordões dos sapatos, vestir-se com ajuda, alimentar-se e ajudar a preparar o pequeno-almoço. Uma vez que este período é alusivo à imaginação e por isso a realização de actividades manuais (cortar com a tesoura, desenhar e pintar) - *estádio pictórico* – é frequente nesta etapa. Assim, o desenvolvimento das competências motoras pode ser considerado como o ponto de partida para o desempenho de actividades relacionadas com o desporto e a dança, que assume um papel mais importante na idade escolar, e permite que a criança tenha uma maior responsabilidade pelo seu corpo (Papalia, Olds e Feldman, 2001).

As mesmas autoras também referem que nesta fase de desenvolvimento é frequente que até aos quatro anos de idade as crianças desenvolvam *esforço de adormecimento*, na qual podem demorar mais de uma hora a adormecer e, por conseguinte, acordar os pais, que pode ser explicado pela criança dormir com um dos pais ou por estar perante uma situação de *stress* familiar.

### III. MÉTODO

De acordo com Almeida e Freire (2007) a metodologia do seguinte estudo corresponde à perspectiva Humanista-Interpretativa que normalmente se encontra associada à investigação qualitativa e naturalista. Esta linha de investigação caracteriza-se pelo seu carácter dinâmico, fenomenológico e associado à história de vida do sujeito uma vez que é utilizada a percepção da vida do sujeito (Almeida & Freire, 2007). Esta definição vem de encontro ao objectivo deste estudo na medida em que se pretende explorar os factores de satisfação e *stress* na parentalidade, sendo crucial compreender a percepção destes pais acerca das situações evidenciadas e da procura de significados e intenções (Almeida & Freire, 2007).

#### 3.1 - Questões de Investigação.

As questões de investigação às quais o presente estudo pretende responder são as seguintes:

1. Como é o relacionamento entre o pai divorciado e o(a) filho(a)?
2. Quais são os factores de satisfação que o pai divorciado experiencia na sua relação com o(a)s filho(a)s?
3. Quais são os factores de *stress* que o pai divorciado experiencia na sua relação com o(a)s filho(a)s?
4. Que estratégias de *coping* são utilizadas pelos pais para enfrentarem as situações de *stress* quotidiano na relação com o(a)s filho(a)s?

#### 3.2 – Participantes.

Os participantes são definidos em função das características específicas que o investigador quer estudar (Guerra, 2006). Neste sentido, os critérios de inclusão dos participantes para este estudo são os seguintes: pais do género masculino com crianças em idade pré-escolar (entre os três e os cinco anos de idade), divorciados, com guarda partilhada ou com os filhos no período de quinze em quinze dias, e sem restituição familiar.

A selecção dos participantes do estudo foi intencionalizada, na medida em que os primeiros participantes identificaram outros pais com as mesmas características – metodologia *snowball* - e, posteriormente, foi utilizada a rede de contactos para a selecção dos restantes – amostra de conveniência, sendo que, no total, foram seleccionados cinco pais.

Passando, agora, para a descrição dos cinco participantes do estudo. Os participantes têm idades compreendidas entre os 34 e 48 anos de idade, sendo que a média de idades correspondente aos 38 anos, dos quais três têm um curso superior (informática e matemáticas aplicadas; desporto e

direito), um tem um curso profissional (produção animal e transformação) e outro tem o nono ano de escolaridade. Os participantes estão com os filhos, pelo menos, duas vezes por semana e fins-de-semana alternados, e todas as crianças estão no pré-escolar, actualmente.

### **3.4 – Instrumento.**

O instrumento que foi utilizado neste estudo foi um Guião de Entrevista (**anexo I**), com base na literatura relacionada com o objectivo do estudo, para a realização de entrevistas semi-estruturadas.

O guião de entrevista foi construído para o efeito e é constituído por quatro domínios: (1) caracterização do pai e do filho(a); (2) relacionamento entre pai divorciado e filho(a); (3) factores de satisfação parental e (4) factores de *stress* parental.

Procedendo à explicação dos quatro domínios. O primeiro domínio, “caracterização do pai e do filho/a” é caracterizado por duas sub-dimensões, no qual se pretende explorar os dados sociodemográficos e agregado familiar do pai e do filho/a; o segundo domínio, relacionamento entre pai e filhos, é caracterizado por quatro sub-dimensões, no qual se pretende compreender qual é o quotidiano do pai e filho/a e quais são as actividades que estes realizam juntos; se o relacionamento entre os dois sofreu alterações após o divórcio; experiência do pré-escolar e a experiência de acompanhamento do desenvolvimento escolar dos filho/a e, por último, como gere os momentos de disciplina com os filho/a. O terceiro domínio, corresponde aos factores de satisfação parental, visa compreender os momentos de maior felicidade do pai no seu relacionamento com os filho/a e a competência parental, e por último, o quarto domínio, corresponde aos factores de *stress* parental que visa compreender os momentos de *stress* na parentalidade e como o pai costuma gerir estes momentos.

A escolha da entrevista semi-estruturada prende-se com o facto de o investigador preparar previamente a entrevista e, simultaneamente, adaptar, o guião de entrevista, no decorrer da entrevista, na medida em que há uma certa flexibilidade em inserir ou retirar questões

### **3.5.- Procedimentos de Recolha de Dados.**

Como referi anteriormente, a recolha de dados foi realizada através de cinco entrevistas semi-estruturadas. Para o efeito, foi construído e assinado um consentimento informado (**anexo II**), no qual são explicados os objectivos do estudo e salientadas as questões de confidencialidade.

As entrevistas foram realizadas após os pais assinarem o consentimento informado. O local onde decorreram as entrevistas foi escolhido pelos pais, de maneira a que estes se sentissem à vontade para reportar a sua experiência parental. Neste sentido, as entrevistas foram realizadas em casa dos participantes ou em locais públicos, como restaurantes, com pouco ruído para que a gravação, das entrevistas, fosse perceptível. A duração média das entrevistas é de cinquenta minutos, Importa, ainda referir, que todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

### 3.6.- Procedimentos de Tratamento de Dados

Para o tratamento de dados utilizou-se a metodologia designada por *Grounded Theory*, que consiste na codificação de conceitos, isto é, dar nome a um fenómeno que interessa ou tem significado para o investigador, ou categorias, ou seja, um agrupamento de conceitos (códigos) que integram um fenómeno generalizado (Strauss & Corbin, 1998). As categorias são divididas de acordo com o enunciado das entrevistas, na medida em que se pode ter categorias de primeira geração, categorias de segunda geração, categorias de terceira geração, ou seja, categorias associadas a outros códigos. A categoria de última geração está directamente associada às citações das entrevistas (Bandeira-de-Melho & Cunha, 2003). Esta metodologia designada é um dos modelos usados na metodologia qualitativa e é utilizada na psicologia pelo facto de se centrar na dimensão humana e nos significados que as pessoas atribuem às suas vidas (Layder, 1993).

Neste sentido, para o tratamento de dados foi requerido percorrer várias etapas. A após a transcrição das cinco entrevistas foi realizada uma leitura flutuante e a análise da entrevista, com o objectivo de compreender se o conteúdo respondia às questões colocadas no início do estudo. Seguidamente, procedeu-se à categorização, isto é, organizou-se a informação em categorias com o objectivo de reduzir a complexidade, identificar e ordenar a informação e atribuir-lhe um significado, constituindo assim o Sistema de Categorias. Após a construção do sistema de categorias e com base no suporte em papel das entrevistas analisadas, inseriram-se as palavras ou frases das entrevistas nas respectivas categorias. As categorias foram descritas de forma exhaustiva.

Por fim, a operacionalização desta metodologia, *grounded theory*, foi apoiada pelo programa de análise qualitativa, o *software* Nvivo9.

## IV. RESULTADOS

### 4.1 – Apresentação e descrição do Sistema de Categorias

O Sistema de Categorias criado constitui em si mesmo um resultado do presente estudo. Seguidamente será apresentada a sua estrutura e conteúdos que estão organizados em categorias de primeira geração, em categorias de segunda geração, em categorias de terceira geração e em categorias de última geração. Importa ainda referir, como poderão ser identificadas as categorias, sendo que as de primeira geração estarão sublinhadas, as de segunda geração representadas a itálico, as de terceira geração estarão sem qualquer recurso estilístico e, por fim, as de última geração estarão representadas a negrito, sendo directamente associadas a citações das entrevistas, como já foi referido anteriormente.

Da análise das cinco entrevistas efectuadas destacam-se sete categoriais de primeira geração, que são as seguintes: (1) Antes do Divórcio, (2) Características Filho(a), (3) Dinâmica Familiar, (4) Estilos Educativos, (5) Factores de Satisfação, (6) Factores de Stress e (7) Percepção enquanto Pai.

1) A categoria de primeira geração Antes do Divórcio organiza-se em cinco categorias e diz respeito ao comportamento enunciado pelos pais e ao seu envolvimento com o filho, no período anterior ao divórcio:

1.1.) **Delegava para a mãe** - um dos pais enuncia que a ex-mulher era responsável pelas tarefas, como por exemplo, ao nível do acompanhamento escolar;

1.2.) **Desrespeito pelo Filho** – um dos pais faz referência que no período pré-divórcio tinha discussões frequentes com a ex-mulher enquanto estava com o filho ao colo e, nesse sentido, teria desrespeitado o filho;

1.3.) **Distanciado(a)** – comportamentos de distância relativamente aos filho(a)s enunciados por dois pais;

1.4.) **Muito Próximo** – comportamento enunciado por um dos pais, quando afirma que, desde o nascimento, foi muito próximo do filho;

1.5.) *Pouco Participativo* – comportamento enunciado por dois pais ao nível da sua participação. Esta categoria organiza-se em duas subcategorias, nomeadamente as **Características da Mãe** e, por sua vez, o **Proteccionismo**, característica à qual, um dos pais, justifica a sua pouca participação; e a **Escola**, no qual o outro pai enuncia que não efectuava um acompanhamento escolar.

2) A categoria de primeira geração, Características Filho(a), foi organizada em duas categorias e diz respeito às características enunciadas pelos pais acerca do(a)s filho(a)s:

2.1.) *Desenvolvimentais* - características enunciadas pelos pais como elementos caracterizadores dos seus filhos, relacionadas com a fase desenvolvimental onde estes se encontram. Esta categoria está organizada em doze subcategorias:

2.1.1.) **Autonomia** – características enunciadas por três pais que incluem a autonomia no espaço e alimentação e cuidados de higiene. Neste sentido, os pais mencionam que o(a)s filho(a)s são **Autónomos**, de uma forma geral, na **Exploração do meio**, **Refeições** e **Vestuário**;

2.1.2.) **Birras** – comportamentos enunciados por três pais relativamente às birras que o(a)s filho(a)s realizam. Dois pais enunciam as **Birras**, de uma forma geral, às **Refeições**, sendo que apenas um enuncia as birras ao **Arrumar os brinquedos**;

2.1.3.) **Competências Motoras** – desenvolvimento das capacidades motoras do filho, que foram enunciadas por um dos pais, características desta fase desenvolvimental. O pai enuncia o estímulo que o filho está a demonstrar pelas bolas, que ainda não tinha sucedido;

2.1.4.) **Dormidas com o Pai** – ritual enunciado por dois dos pais ao nível das rotinas de adormecimento. Ambos mencionam que as filhas dormem na mesma cama que eles e um pai salienta, ainda, que a filha solicita para que assim seja;

2.1.5.) **Egocentrismo** – características do filho enunciadas por um dos pais, que menciona que o filho gosta de ser o centro das atenções;

2.1.6.) **Imaginação** – característica do filho enunciado por um dos pais, quando afirma que este se orienta pela imaginação;

2.1.7.) **Iniciativa** – comportamento enunciado por dois pais relativamente à iniciativa dos filhos em sugerir actividades lúdicas. Ambos mencionam que os filhos sugerem, sendo que um pai menciona que concede sempre as iniciativas da filha e o outro pai menciona que a iniciativa também pode ser dos dois, filho e pai;

2.1.8.) **Necessidade de Atenção** – exigência enunciada por um dos pais quando menciona que a filha precisa de muita atenção, da parte do pai e adultos;

2.1.9.) **Pensamento Simbólico** – percepção enunciada por quatro pais acerca da evolução do pensamento e linguagem dos seus filho(a)s. Os pais mencionam a perspicácia e o uso de “palavras caras”;

2.10.) **Poder** – característica enunciada por um dos pais relativamente à sua filha, na medida em que este começa a demonstra o seu poder em controlar as situações;

2.11.) **Resistência à autoridade** – comportamento de resistência, enunciado por um dos pais. O pai menciona que a filha contesta o que lhe é dito, batendo o pé;

2.12.) **Trabalhos Manuais** – actividades lúdicas enunciadas por um dos pais, tais como colagens e desenhos.

2.2.) *Psicológicas* - características enunciadas pelos pais como elementos caracterizadores dos seus filho(a)s. Esta subcategoria organiza-se em vinte e oito subcategorias:

2.2.1.) **Adapta-se** – características enunciadas por um dos pais para explicar que o filho se adapta a vários contextos;

2.2.2.) **Admiração** – características enunciadas por um dos pais, relativa à admiração que a filha sente em relação ao pai;

2.2.3.) **Adoração** – características enunciadas por um dos pais, relativamente à adoração da filha por animais, pelo Centro Hípico, pelas crianças e pelo desenho, como se pode ver nas seguintes subcategorias:

2.3.3.1.) **Animais** – nomeadamente cavalos;

2.3.3.2.) **Centro Hípico** – local onde o pai trabalha e para o qual a filha pede para vir porque adora estar com os animais;

2.3.3.3.) **Crianças** – na medida em que o pai menciona que a filha adora crianças;

2.3.3.4.) **Desenho** - na medida em que o pai menciona que a filha adora desenhar;

2.2.4.) **Afectivo** – características enunciadas pelo pai para explicar que o seu filho é afectivo;

2.2.5.) **Aprende** - características enunciadas pelos pais para explicar que o(a)s filho(a)s aprendem e absorvem os ensinamentos que lhe são transmitidos;

2.2.6.) **Atenção** - característica enunciada pelo pai como elemento caracterizador da atenção solicitada pela filha;

2.2.7.) **Carinhosa** – característica enunciada pelo pai como elemento caracterizador do carinho transmitido e solicitado pela filha;

2.2.8.) **Ciumento Amigos Pai** – característica enunciada pelo pai para mencionar que o filho sente ciúmes relativamente às amigas do pai;

2.2.9.) **Curioso** – característica mencionado pelo pai para explicar que o filho é curioso relativamente ao mundo que o rodeio;

2.2.10.) **Dada às Artes** – característica enunciada pelo pai para mencionar que a filha é dada às artes, isto é, que gosta de actividades artísticas como colagens, desenhos e pinturas;

2.2.11.) **Desarrumado** – característica enunciada pelo pai para descrever o filho como desarrumado, na medida em que este não arruma os brinquedos e, por conseguinte, a casa está sempre desorganizada;

2.2.12.) **Emocional** – característica enunciada pelo pai para mencionar que a sua filha consegue apelar à emoção, como ele menciona “sabe falar ao coração”;

2.2.13.) **Energético** – característica enunciada pelo pai para explicar que o filho tem muita energia;

2.2.14.) **Equilibrado** – característica enunciada pelo pai para explicar que o filho é uma criança equilibrada;

2.2.15.) **Fácil de estacionar** – metáfora utilizado pelo pai para explicar que o seu filho é fácil de lidar, na medida em que se adapta às situações e às várias pessoas;

2.2.14.) **Gosto em estar Pai** – característica enunciada pelo pai, quando este menciona que a filha gosta muito de estar consigo;

2.2.15.) **Impulsivo** – característica enunciada pelo pai para explicar que o filho age por impulso;

2.2.16.) **Influenciável Estabilidade Pais** – característica enunciadas pelo pai para explicar que este nota alterações ao nível do estado emocional do filho, devido à instabilidade dos pais.

2.2.17.) **Inteligente** – característica enunciada pelo pai, para caracterizar o filho como alguém que revela inteligência, por exemplo, ao jogar *playstation*;

2.2.18.) **Manipuladora** – característica enunciada pelo pai, como um elemento caracterizador da filha, na medida em que ela consegue convencer o pai e avós a fazer o que ela quer;

2.2.19.) **Observador** – característica enunciada pelo pai para explicar que o filho é observador daquilo que o rodeia;

2.2.20.) **Persistente** – característica enunciada do pai para explicar que o filho é persistente na tarefa, referindo que “tem muita garra”.

2.2.21.) **Perspicaz** – característica enunciada pelo pai, que caracteriza a percepção da filha relativamente a algumas temáticas;

2.2.22.) **Protectora** – característica enunciada pelo pai, para explicar que a filha evita temas ou situações que sabe que irão magoar o pai. Desta forma, o pai menciona que a filha o protege e defende de algumas situações;

2.2.23.) **Rebelde** – expressão enunciada pelo pai, quando este menciona que a filha é rebelde, pelo facto de não aceitar e contestar aquilo que o pai e os avós lhe dizem;

2.2.24.) **Receio Pai Chateado** – característica enunciada pelo pai, para mencionar que o filho é sensível ao facto de o pai ficar chateado com ele;

2.2.25.) **Resiste à autoridade** – característica enunciada pelo pai, para explicar que a filha resiste à autoridade do pai e dos avós, contestando as suas ordens;

2.2.26.) **Sensível** – característica enunciada pelo pai, para explicar que o filho é sensível ao meio ambiente e aquilo que o rodeia;

2.2.27.) **Sociável** – característica enunciada pelo pai, para descrever que o filho é muito sociável, na medida em que socializa com as pessoas e se adapta aos vários contextos;

2.2.28.) **Vocação para desporto** – características mencionadas por dois pais, na medida em que mencionam que os filhos têm vocação para o desporto. Esta subcategoria organiza-se em quatro:

2.2.28.1.) **Desporto** – quando o pai menciona o exercício físico, não especificando uma modalidade;

2.2.28.2.) **Judo** – enunciada por um dos pais, o filho pratica esta modalidade;

2.2.28.3.) **Bicicleta sem rodas** – enunciada por um dos pais, é uma actividade que o pai e o filho realizam juntos;

2.2.28.4.) **Nadar** – enunciada por um dos pais, para explicar que o filho nada sozinho;

2.2.28.5.) **Skate** – enunciada por um dos pais, sendo uma actividade que costumam realizar juntos.

3) A categoria de primeira geração, Dinâmica Familiar, foi organizada em nove categorias e diz respeito à dinâmica familiar, nomeadamente à relação pai e filho, ao papel dos avós e a outras temáticas implícitas:

3.1) *Acompanhamento Escolar* – comportamento enunciado pelo pai, ao nível do acompanhamento que realiza acerca do percurso escolar do filho(a). Esta subcategoria organiza-se em duas:

3.1.1) Distante – comportamentos enunciados por dois pais, na medida em que o acompanhamento é realizado à distância, nomeadamente:

3.1.1.2) **Caderno Escola** – um dos pais menciona que o filho traz o caderno da escola, para o pai verificar;

3.1.1.3.) **Mãe** – os pais mencionam que sabem o decorrer do percurso escolar dos filhos pela ex-mulher;

3.1.1.4.) **Não sabe** – um dos pais menciona que não sabe o que se passa na escola do filho, mas sabe que corre tudo bem;

3.1.1.5.) **Pouco Contacto Educadoras** – um dos pais menciona comunicar com as educadoras esporadicamente;

3.1.2.) Próximo - comportamentos enunciados por dois pais, na medida em que o acompanhamento escolar é realizado de forma directa, nomeadamente:

3.1.2.1.) **Escola** – local onde os pais reportam contactar directamente com as educadoras;

3.1.2.2.) **Noutro Contexto** – característica enunciada pelo pai, para explicar que mantém contacto directo com as educadoras e outros profissionais da escola, noutros contextos, relacionados com a sua actividade profissional;

3.1.2.3.) **Reuniões** – um dos pais reportar participar nas reuniões da escola;

3.2.) *Actividades* – tarefas enunciadas pelos pais e relacionadas com actividades que, pai e filho(a), realizam juntos ou que o(a) filho(a) realiza sozinho(a). Esta subcategoria organiza-se em quatro subcategorias:

3.2.1.) Actividades Pai-Filho – actividades enunciadas pelos pais, que realizam com o(a)s filho(a)s. Estas dividem-se em doze subcategorias:

3.2.1.1.) **Actividades no Campo** – actividades enunciadas por um dos pais, relacionadas com a natureza;

3.2.1.2.) **Amigos do Pai** – actividades enunciadas por um dos pais, realizadas entre o filho, o pai e os amigos do pai. Estas actividades consistem em passeios, durante o fim-de-semana, ou jantares à sexta-feira;

3.2.1.3.) **Cinema** – actividade mencionada pelo pai, onde costuma ver filmes de animação com a filha;

3.2.1.4.) **Colagens** – actividades artísticas enunciadas por um dos pais;

3.2.1.5.) **Desenho** - actividades artísticas enunciadas por um dos pais;

3.2.1.6.) Desportos – actividades enunciadas pelos pais, relativas ao exercício físico:

3.2.1.6.1.) **Actividade Física** – actividade mencionada pelos pais, não especificando a modalidade;

3.2.1.6.2.) **Bicicleta** – actividade mencionada pelo pai;

3.2.1.6.3.) **Skate** – actividade mencionada pelo pai;

3.2.1.6.4.) Locais culturais – locais, enunciados pelos pais, onde costumam ir com o(a)s filho(a)s:

3.2.1.6.4.1.) **Casa da Música** – local enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.4.2.) **Palácio de Cristal** - local enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.4.3.) **Parque da Cidade** - local enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.4.4.) **Quinta de S. Inácio** - local enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.4.5.) **Sea Life** - local enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.5.) **Pinturas** - actividades artísticas enunciadas por um dos pais;

3.2.1.6.6.) **Piscina** – local, enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.7.) **Shopping** - local, enunciado por um dos pais;

3.2.1.6.8.) **Televisão** – actividade enunciada por um dos pais, no qual costuma a ver televisão, nomeadamente filmes com o filho.

3.2.2.) Amigos Filho(a) – actividade enunciada por um dos pais, que a filha costuma fazer com os amigos;

3.2.2.1.) **Ballet** – actividade enunciada por um dos pais, no qual a filha vai a aulas de *ballet* com as amigas.

3.2.3.) Filho(a) – actividades enunciadas pelos pais, às quais o(a)s filho(a)s costumam realizar sozinho(a)s:

3.2.3.1.) **Brincadeiras** – actividade enunciada pelo pai, mas que este não especifica;

3.2.3.2.) **Brincar DVD's** – actividade enunciada pelo pai, quando menciona que o filho gosta de tirar e colocar os DVD's nas prateleiras;

3.2.3.3.) **Canal Panda** – canal televisivo enunciado pelo pai;

3.2.3.4.) **Dançar** – actividade enunciada pelo pai, que o filho gosta de fazer;

3.2.3.5.) **Livro de Desenhos** – livro enunciado pelo pai, onde o filho costuma a pintar e desenhar;

3.2.3.6.) **Músicas** – actividade enunciada pelo pai, na medida em que o filho gosta de ouvir músicas;

3.2.3.7.) **Puzzle** – actividade enunciado pelo pai, na medida em que o filho costuma construir puzzles;

3.2.3.8.) **Vídeos no Youtube** – visualização de vídeos, enunciado pelo pai, no qual o filho costuma a ver no telemóvel do mesmo;

3.2.4.) Iniciativa – característica enunciada pelos pais, relativamente à iniciativa de propor actividades para eles realizarem:

3.2.4.1.) **Dois** – quando o pai menciona que a iniciativa das actividades realizadas é dos dois;

3.2.4.2.) **Filho(a)** – quando os pais mencionam que a iniciativa das actividades realizadas parte do(a)s filho(a)s.

3.3.) *Contacto Filho(a)* – regularidade de contacto mencionada pelo pais, ao nível da distribuição dos dias nos quais estão com o(a)s filho(a)s:

3.2.1.) **Fim-de-semana Sim\_Não** – os pais mencionam estar com o(a)s filho(a)s em fins-de-semana alternados;

3.2.2.) **Diário** – os pais mencionam estar todos os dias com o(a)s filho(a)s;

3.4.) *Crenças familiares* – crenças enunciadas pelos pais, relativamente ao conceito de família:

3.4.1.) **Atitude Reflexiva** – característica mencionada por um dos pais, na medida em que este reflecte sobre a educação do filho e sobre aquilo que é melhor para ele;

3.4.2.) **Deixá-lo ser criança** – metáfora enunciado pelo pai, para explicar que é preciso deixar o filho à vontade e sem pressões, como ele menciona que a ex-mulher faz;

3.4.3.) **Famílias Grandes** – crença enunciado por um dos pais, para explicar que os pais dele vieram de uma família grande e, neste sentido, gostava de proporcionar isso à sua filha. O pai também menciona gostar das festas em famílias e da presença e convívio com os vários primos;

3.4.4.) **Tempo para ser pai** – expressão enunciado pelo pai, para explicar que, actualmente desempenha a função de pai e, por isso, é rigoroso na educação com o filho, e, posteriormente, haverá tempo para ser amigo dele.

3.5.) *Nova Companheira* – um dos pais mencionou a presença de uma nova companheira, que assumiu um papel importante na sua redefinição enquanto pai. Contudo, esta mantém um contacto esporádico com o filho, não interferindo na sua educação. Esta subcategoria organiza-se em duas:

3.5.1.) **Apoio Redefinição Pai** – apoio enunciado pelo pai, na medida em que a presença de uma nova companheira contribuiu para a redefinição do seu papel parental;

3.5.2.) **Contacto Esporádico** – regularidade de contacto mencionado pelo pai, na medida em que a presença da nova companheira é esporádica, na vida do filho;

3.6.) *Papel dos Avós* – papel enunciado pelos pais relativamente ao papel dos avós na vida do(a)s filho(a)s:

3.6.1.) **Educação** – características enunciadas pelos pais, relacionadas com a educação do(a) filho(a)s. Esta subcategoria organiza-se em quatro:

3.6.1.1.) **Desautorizar Pai** – características enunciadas pelos pais, relativamente ao facto de os avós desautorizarem as regras que os pais impõem as filhas;

3.6.1.2.) Permissividade – características enunciadas pelos pais que demonstram a permissividade dos avós relativamente à educação do(a)s neto(a)s. Esta subcategoria organiza-se em duas:

3.6.1.2.1.) **Avós estragam os Netos** – expressão enunciado por um dos pais, para explicar que os avós fazem tudo aquilo que é solicitado pelo(a)s neto(a)s;

3.6.1.2.2.) **Coitadinha da Menina** – expressão enunciada por um dos pais, para explicar que os avós desautorizam as ordens do pai;

3.6.2.) Refeições – presença dos avós enunciada pelos pais, nas horas das refeições, isto é, ao almoço e jantar:

3.6.2.1.) **Almoço** – presença, enunciada pelo pai, dos avós ao almoço, durante o fim-de-semana;

3.6.2.2.) **Jantar** – presença, enunciada pelo pai, dos avós à hora do jantar, durante o fim-de-semana.

3.6.3.) Regularidade de Contacto – contacto enunciado pelos pais, relativamente à frequência ou aos dias, que os avós estão presente. Esta subcategoria organiza-se em duas:

3.6.3.1.) **Às vezes** – contacto enunciado por um dos pais, quando menciona que os avós estão, às vezes, presentes;

3.6.3.2.) **Fins-de-semana** – contacto enunciado pelos pais, quando mencionam que os avós estão presentes aos fins-de-semana.

3.6.4.) **Tarefas Domésticas** – actividades enunciadas pelos pais, relacionadas com as tarefas domésticas. Os avós são protagonistas neste papel, no entanto, um dos pais menciona que a filha ajuda à avó a colocar e arrumar a mesa.

3.7.) *Relação com os Avós* – características do relacionamento entre o(a) filho(a)s e os avós, enunciado pelos pais. Esta subcategoria organiza-se em duas:

3.7.1.) **Afastada** – um dos pais menciona que o filho está com os avós, esporadicamente;

3.7.2.) **Próxima** – contacto enunciado pelos pais, para explicar que os avós estão presentes e para descrever o relacionamento deles com o(a)s filho(a)s esta subcategoria organiza-se em quatro:

3.7.2.1.) **Adoração** – características enunciadas pelos pais, relativamente a adoração dos netos pela filha e vice-versa;

3.7.2.2.) **Dinâmica muito especial** – expressão mencionada pelo pai para explicar que o filho e os avós têm uma relação muito especial;

3.7.2.3.) **Onde foi criada** – expressão mencionada pelo pai, para explicar que a filha foi criada pelos avós;

3.7.2.4.) **Uma mãe para a Filha** – expressão utilizada pelo pai, para explicar que a avó considera a neta como uma filha.

3.8.) *Relação Pai-Filho(a)* – características enunciadas pelos pais, como elementos caracterizadores do relacionamento entre pais e filho(a)s. Esta organiza-se em nove subcategorias:

3.8.1.) **Adoração** – sentimento enunciado pelo pai, que revela a adoração do **Pai** pela filha;

3.8.2.) **Cinco Estrelas** – metáfora mencionada por um dos pais para caracterizar o seu relacionamento com o filho;

3.8.3.) **Cumplicidade** – característica enunciada pelo pai, para explicar que têm uma relação próxima. Esta organiza-se em duas subcategorias:

3.8.3.1.) **Falamos sem falar** – metáfora utilizada pelo pai, para explicar a cumplicidade existente. O pai menciona que, através de uma troca de olhares entre pai e filho, ele compreende o que o filho quer dizer;

3.8.3.2.) **Muito grande** – expressão enunciado pelo pai, para quantificar a cumplicidade no seu relacionamento com o filho.

3.8.4.) **Equilibrada** – característica enunciada pelo pai, para explicar que tem uma relação equilibrada com o filho;

3.8.5.) **Mais próxima possível** - expressão enunciado pelo pai, para explicar que a sua relação com o filho é a mais próxima possível, na medida em que está com ele todos os dias;

3.8.6.) **Muito fácil** – expressão utilizada pelo pai, para explicar que a sua relação com o filho é muito fácil, na medida em que o filho é fácil de lidar e adapta-se a qualquer ambiente;

3.8.7.) **Óptima** - expressão enunciado pelo pai, para explicar que a relação deles é óptima;

3.8.8.) **Pai Rigoroso** – característica enunciada pelo pai, para caracterizar o seu relacionamento com o filho, uma vez que menciona que é rigoroso na educação do filho;

3.8.9.) **Pontos de Ligação** – características enunciadas pelo pai e identificadas, pelo mesmo, como um factor de aproximação entre os pais e filho. O pai menciona que o **Judo** é um factor de aproximação entre ele e o filho;

3.8.10.) **Satisfação muito elevada** – expressão enunciada pelo pai, para explicar que, actualmente, a sua relação está com uma satisfação muito elevada, uma vez que conseguiu redefinir o seu papel parental e ajustar-se à nova realidade;

3.8.11.) **Tarefas Domésticas** – tarefas enunciadas pelos pais, ao nível das actividades domésticas. O **Pai** assume o protagonismo nas tarefas domésticas;

3.8.12.) **Tempo de qualidade** – expressão mencionada pelo pai, para explicar que, actualmente, passa menos tempo com o filho mas de maior qualidade.

3.9.) *Rotinas* – características enunciadas pelos pais, relativas às rotinas do quotidiano, com o(a)s filho(a)s. Esta organiza-se em oito subcategorias:

3.9.1. Brincadeiras – mencionadas pelos pais, de uma forma geral. São organizadas em duas subcategorias:

3.9.1.1.) **Cama** – brincadeiras enunciadas pelos pais, na cama;

3.9.1.2.) **Carro** – brincadeiras enunciadas pelos pais, no carro, a caminho da escola.

Estas dividem-se em duas subcategorias:

3.9.1.2.1.) **Cantarolar** – actividades enunciadas pelo pai, ao nível do canto, no carro;

3.9.1.2.2.) **Palhaçadas** – brincadeiras mencionadas pelo pai, sem especificar o que são, no carro;

3.9.2.) Cuidados de Higiene – cuidados de higiene mencionados pelo pai. O pai refere que costumam a dar **Banho** ao filho;

3.9.3.) Dormidas – características enunciadas pelo pai, relativas ao local onde o(a) filho(a) dorme. Esta é organizada em duas subcategorias:

3.9.3.1.) **Dormidas Mãe** – característica enunciada por dos pais, para explicar que o filho dorme com a mãe em casa da mesma. Uma vez que o pai não concorda com o facto de o filho não dormir no seu quarto, menciona que o filho não dorme em sua casa, até começar a dormir sozinho;

3.9.3.2.) **Dormidas Pai** – os pais mencionam que o(a)s filho(a)s dormem com eles, na mesma cama;

3.9.4.) **Filme na cama acordar** – rotina enunciado por um dos pais, para explicar que ao acordar vê um filme na cama com o filho, enquanto este come uma banana. Posteriormente, levantam-se e iniciam o dia;

3.9.5.) **Levar e Buscar à Escola** – rotina enunciada pelos pais que têm contacto diário com o(a)s filho(a)s. Estes são responsáveis por levar e buscar o(a)s filho(a)s à escola, em alguns ou todos os dias da semana;

3.9.6.) Refeições – rotinas enunciadas pelos pais, relativamente às refeições. Esta organiza-se em duas subcategorias:

3.9.6.1.) **Almoço aos Avós** – rotina enunciada pelo pai, durante o fim-de-semana;

3.9.6.2.) Jantar – rotina enunciada pelo pai, que ocorrer em casa com o filho ou em casa dos amigos do pai. Esta divide-se em duas subcategorias:

3.9.6.2.1.) **Casa amigos Pai** – rotina enunciada pelo pai, relativamente aos jantares que são realizados em casa dos amigos do pai, que têm filhos da mesma idade;

3.9.6.2.2.) **Casa sozinhos** – rotina enunciada pelo pai, quando menciona que janta em casa e só com o filho;

3.9.6.3.) **Pequeno-almoço na cama** – rotina enunciada pelos pais, relativamente ao pequeno-almoço, que é realizado na cama.

4) A categoria de primeira geração, Estilos Educativos, foi organizada em nove categorias e diz respeito à gestão da educação dos pais, relativamente aos filho(a)s:

4.1.) *Chateia-se Filho* – comportamento enunciado pelo pai, relativamente às refeições do filho. O pai menciona que o filho **Come Devagar**, o que o leva a chatear-se com ele;

4.2.) **Concede Iniciativas Filho(a)s** – comportamentos enunciados pelos pais, que demonstram que as iniciativas do(a)s filho(a)s em propor actividades para realizarem juntos, são ouvidas e concedidas.

4.3.) *Disciplina* – comportamentos enunciados pelos pais, relativos à gestão da disciplina. Esta subcategoria é organizada em Primeiras reacções e Segundas reacções, para se compreender a ordem cronologia do comportamento realizado pelos pais, ao nível da gestão da disciplina:

4.3.1.) Primeiras reacções – comportamentos enunciados pelos pais, acerca das suas primeiras reacções face a um comportamento inadequado. Esta divide-se em três subcategorias:

4.3.1.1.) **Chamada de Atenção** – comportamentos enunciados pelos pais. Perante um comportamento inadequado os pais chamam a atenção do(a)s filho(a)s;

4.3.1.2.) **Explicação das regras** – comportamentos enunciados pelos pais. Perante um comportamento inadequado os pais explicam as regras e aquilo que o(a)s filho(a)s podem e não podem fazer;

4.3.1.3.) **Negociação** – comportamento enunciado pelo pai, que ocorre entre o pai e filho. Uma situação que ilustre esta subcategoria, pode ser as refeições. Perante uma situação em que o filho não queira comer mais, o pai negocia o número de colheres que o filho ainda tem de comer;

4.3.2.) Segundas reacções - comportamentos enunciados pelos pais, acerca das suas segundas reacções face a um comportamento inadequado, ou seja, depois de sucederem as primeiras reacções. Esta organiza-se em duas subcategorias:

4.3.2.1.) **Aplicar Castigo** – comportamento enunciado pelos pais. Quando as primeiras reacções não surtem efeito, os pais mencionam aplicar um castigo;

4.3.2.2.) **Faz cara Pai descontente** – expressão enunciada pelo pai, como uma estratégia para o filho compreender que está a agir inadequadamente.

4.4.) *Flexibilidade* – comportamentos enunciados pelos pais, quando mencionam ser flexíveis em algumas temáticas, nomeadamente nas refeições e dormidas:

4.4.1.) **Excepcionalmente dorme Pai** – característica enunciada pelo pai, quando menciona que, apesar de não concordar que o filho durma com a mãe, se esta estiver ausente, o filho poderá dormir na cama do pai, a título excepcional, uma vez que em casa do pai este teria de dormir sozinho;

4.4.2.) **Não tem de comer à mesa** – característica enunciada pelo pai, quando afirma que o importante é que o filho coma, independentemente do sítio onde seja. Para o pai, o filho pode comer no sofá enquanto vê televisão.

4.5.) *Permissividade* – comportamento enunciado pelo pai, nos quais os pedidos da filha são sempre concedidos:

4.5.1.) **Dormidas Filha** – comportamentos enunciados pelo pai, ao nível das dormidas, que demonstram permissividade. O pai dorme com a filha, porque esta o solicita e, embora tenha consciência de que não o deva fazer, acaba por conceder.

4.6.) *Poder Paternal* – comportamentos enunciados pelo pai relativamente à gestão do poder paternal. Este organiza-se em duas subcategorias:

4.6.1.) **Impôr** – comportamento enunciado pelo pai, na medida em que se impõe, para que a filha compreenda os limites;

4.6.2.) **Tirei-lhe Trunfo** – metáfora enunciada pelo pai, para explicar que depois de este se impor, a filha compreende que não pode fazer aquilo que pretendia, acalmando assim o seu comportamento.

4.7.) *Preocupações Parentais* – preocupações mencionadas pelos pais, relativamente aos filho(a)s. Estas organizam-se em três subcategorias:

4.7.1.) **Dâr Âncoras** – metáfora enunciada pelo pai, para explicar que é preciso dar um fundamento para o filho(a) se guiar, como por exemplo, explicar porque não deve efectuar um determinado comportamento;

4.7.2.) **Estar com crianças** – preocupação enunciada pelos pais, em proporcionar o convívio com crianças da mesma idade;

4.7.3.) **Mais atenção ausência crianças** – preocupação mencionado pelo pai. Quando está num evento social com o filho, onde não existam outras crianças para o filho brincar, o pai dá mais atenção ao filho.

4.8.) *Rigidez* – comportamento enunciado pelo pai, na medida em que se demonstra rígido na educação com o filho. Esta organiza-se em três subcategorias:

4.8.1.) **Dorme no quarto dele** – características enunciadas pelo pai, que demonstram que o filho, em sua casa, tem de dormir sozinho. Contudo, o pai menciona que quando o filho começou a dormir sozinho, em casa do pai, começou a exuberar sentimentos de ansiedade às horas de deitar. Neste sentido, o pai menciona que, enquanto continuar a dormir com a mãe, o filho não dorme em casa do pai, para evitar este mal-estar;

4.8.2.) **Não entra discussões filho** – expressão enunciado pelo pai, para explicar que não discute com o filho acerca daquilo que é correcto ele fazer. O pai faz questão de clarificar ao filho, aquilo que pretende em termos de comportamento;

4.8.3.) **Não se escusa a dar uma sapatadinha** – expressão enunciado pelo pai, para explicar que se for necessário, dá uma sapatada no filho, para que ele compreenda que está agir de uma forma inadequada.

4.9) *Tarefas Domésticas* – tarefas enunciadas pelos pais, ao nível das actividades domésticas. O **Pai** assume o protagonismo nestas tarefas.

5) A categoria de primeira geração, Factores de Satisfação, foi organizada em dez categorias e diz respeito aos factores de satisfação enunciados pelos pais:

5.1.) **Competência Parental** – características enunciadas pelos pais, relativamente à sua competência parental. Todos afirmam sentirem-se competentes, actualmente.

5.2.) *Cumplicidade* – característica enunciada pelo pai, para explicar que têm uma relação próxima. Esta organiza-se em duas subcategorias:

5.2.1.) **Falamos sem Falar** - metáfora utilizada pelo pai, para explicar a cumplicidade existente. O pai menciona que, através de uma troca de olhares entre pai e filho, ele compreende o que o filho quer dizer;

5.2.2.) **Responder aquele jogo** - metáfora utilizada para explicar a cumplicidade existente entre os dois, na medida em que o filho responde à situação mencionada a cima.

5.3.) *Desempenho académico* – características enunciadas pelos pais, relativamente ao desempenho académico do(a)s filhos. Este divide-se em duas subcategorias:

5.3.1.) **Ótimo(a) aluno(a)** – expressão enunciado pelo pai, para classificar o filho ao nível do seu desempenho académico;

5.3.2.) **Acima da média** – expressão mencionada pelo pai para explicar que o desempenho académico do filho é bom.

5.4.) *Ensinamentos do Pai* – comportamentos enunciados pelo pai, relacionados com aquilo que o pai transmite ao filho e que considera, praticamente, responsabilidade sua. O pai menciona ser gratificante ver que o filho tem vocação para o **Desporto**, uma vez que este menciona que ambos praticam muito exercício físico, quando estão juntos.

5.5.) *Gostos em comum* – actividades enunciadas pelo pai, cujo gosto é comum entre ambos. Neste sentido, o pai menciona que o **Judo** é um factor comum entre o pai e o filho e, por conseguinte, um factor de aproximação identificado pelo pai;

5.6.) **Guiar alguém** – expressão mencionada por um do pais, para explicar que ter alguém ao seu cuidado já é, por si só, gratificante.

5.7.) *Momentos íntimos* – características enunciadas pelos pais, em relação aos momentos íntimos entre pai e filho(a)s:

7.1.) **Agarrados** – comportamentos enunciados pelo pai;

7.2.) **Ao lado na cama** – comportamentos enunciados pelo pai;

7.3.) **Colo** – comportamentos enunciados pelo pai, para caracterizar as situações em que pai e filho estão a ver um filme, e o filho pede para ir para o colo do pai.

5.8.) *Valorizado pelo Filho(a)* – comportamentos enunciados pelo pai, que explicam o sentimento de valorização, relativamente ao filho(a). Este organiza-se em três subcategorias:

5.8.1.) **Corre para Pai** – expressão enunciado pelo pai, para explicar que se sente valorizado quando a filha corre para si;

5.8.2.) **Como amigo** – expressão enunciada pelo pai, para explicar que a filha o vê como amigo;

5.8.3.) **Participar nas brincadeiras** – característica enunciada pelo pai, para explicar que a filha o deixa participar nas suas brincadeiras;

5.9.) *Reconhecimento pelos outros* – características enunciadas pelos pais, relativamente à valorização de amigos e conhecidos. Este divide-se em três subcategorias;

5.9.1.) **Entre amigos** – característica enunciada pelo pai, que menciona o reconhecimento dos outros, nomeadamente do grupo de amigos. O pai menciona que é um motivo de satisfação quando, no grupo de pares, começam a falar e elogiar a sua filha;

5.9.2.) **Orgulho** – sentimento enunciado pelo pai, relativamente ao reconhecimento, como figura parental, dos outros;

5.9.3.) **Relação Pai-Filho(a)** – características enunciadas pelo pai, relativamente ao reconhecimento dos, do seu relacionamento com o filho.

5.10) *Relação Pai-Filho* – características enunciadas por um dos pais, relativamente à Satisfação muito elevada no relacionamento com o filho, uma vez que conseguiu redefinir o seu papel parental e ajustar-se à nova realidade.

6) A categoria de primeira geração, *Factores de Stress*, foi organizada em dez categorias e diz respeito aos factores de *stress*, enunciados e identificados pelos pais:

6.1.) *Ambivalência* – comportamentos enunciados pelo pai, na medida em que este se encontra entre o dever e o conceder o que a filha quer. O pai menciona que nas **Horas de deitar** sente-se dividido entre o prolongar a hora de deitar e a noção de que não o deveria fazer, por não estar tantas vezes com a filha;

6.2.) **Ausência controlo** – características enunciadas pelo pai, quando menciona não saber onde está a filha ou o que está a fazer e com quem;

6.3.) **Birras** – características enunciadas pelos pais, que caracterizam as birras efectuadas pelo(a)s filho(a)s, nomeadamente às refeições e ao deitar;

6.4.) *Características da Mãe* – características mencionadas pelos pais, relativamente à ex-mulher. Estas organizam-se em três subcategorias:

6.4.1.) **Fria** – característica enunciada pelo pai, para explicar a pouca afectividade da mãe;

6.4.2.) **Risco dependência exagerada Mãe** – características enunciadas pelo pai, quando menciona uma preocupação face à relação da mãe com o filho, ao nível das consequências que essa relação poderá ter no futuro do filho;

6.4.3.) **Super proteccionista** – características enunciadas pelo pai, relativamente à protecção da mãe.

6.5.) *Características Filho(a)* – características enunciadas pelos pais como elementos caracterizadores ou características relacionadas com o(a)s filho(a)s. Esta organiza-se em sete subcategorias:

6.5.1.) **Cola e não descola Pai** – expressão enunciada pelo pai para explicar que o filho está sempre perto do pai;

6.5.2.) **Desarrumado** – características enunciadas pelo pai, quando reporta que está sempre tudo desarrumado quando o filho está em casa;

6.5.3.) **Estar em casa Pai** – expressão enunciado pelo pai, para explicar o *stress* que sente quando o filho está em casa, devido à desarrumação e à exigência de atenção;

6.5.4.) **Macaco de imitação** – expressão enunciada pelo pai, quando o pai reporta que o filho está sempre a chamar por ele;

6.5.5.) **Não dormir quarto dele** – factor enunciado pelo pai, pelo facto dele ele reportar que não concorda que o filho ainda durma com a mãe;

6.5.6.) **Observador** – característica enunciada pelo pai, quando menciona que o facto de o filho parar para observar o que o rodeia, lhe causa *stress*, excepto quando o pai acha que vale a pena olhar;

6.5.7.) **Quer atenção** – características enunciadas pelos pais, para explicar que a filha é absorvente e precisa de muita atenção.

6.6.) **Dinâmica Jantar-Arrumar-Deitar** – dinâmica mencionada pelo pai, como causadora de *stress*. O pai menciona que o filho é desarrumado e, uma vez que isso lhe causa *stress*, esta dinâmica é, igualmente, stressante.

6.7.) **Exigências actividades lúdicas** – características mencionadas pelo pai, na medida em que este menciona que é difícil inventar actividades novas para realizar com o filho;

6.8.) *Incerteza* – características enunciadas pelo pai, relativamente ao **Estado Filha**, acerca de como estará e com quem estará o filho, e a fazer o quê.

6.9.) *Insegurança* – sentimento enunciado pelo pai, relativamente ao papel parental. Esta organiza-se em quatro subcategorias:

6.9.1.) **Distribuição do Papel Parental** – características enunciadas pelo pai, quando menciona a ausência de alguém, na mesma casa, para distribuir as inseguranças do papel parental;

6.9.2.) **Estar sozinho** – características enunciadas pelo pai, quando identifica que estar sozinho também contribui para a insegurança;

6.9.3.) **Medo de falhar** – receio enunciado pelo pai, relativamente à tarefa parental;

6.9.4.) **Primeiro filho(a)** – factor enunciado pelo pai, na medida em que menciona que, sendo o primeiro filho é normal que haja sentimentos de insegurança;

6.10) **Risco integridade física** – características enunciadas pelo pai, quando reporta o seu medo em relação à possibilidade de o filho se magoar.

7) A categoria de primeira geração, Percepção enquanto Pai, foi organizada em oito categorias e diz respeito à percepção dos pais enquanto figuras parentais, enunciados pelos mesmos:

7.1.) **Adaptado ao divórcio** – características enunciadas pelo pai, que menciona que teve de se adaptar ao novo papel de pai divorciado;

7.2.) **Bom Pai** – características enunciadas pelos pais, relativamente à sua percepção enquanto pai. Os pais consideram-se bons pais;

7.3.) **Competente** – características enunciadas pelos pais, relativamente à sua competência. Todos os pais mencionam sentir-se competentes, actualmente;

7.4.) *Consciente* – características enunciadas pelo pai, relativamente ao facto de este estar consciente dos seus limites enquanto pai e das necessidades do filho. Este organiza-se em duas subcategorias:

7.4.1.) **Limites Pai** – expressão utilizada pelo pai, para descrever os seus limites, não especificando quais são;

7.4.2.) **Necessidades Filho** – características mencionadas pelo pai, quando menciona que, actualmente, está mais consciente das necessidades do filho;

6.5.) **Culpa** – sentimentos mencionados pelo pai, na medida em que este se sente culpado por ter pedido o divórcio e, por conseguinte e de acordo com a sua perspectiva, ter abandonado o filho;

6.6.) **Mais participativo** – expressão enunciado pelo pai para explicar que está mais participativo nas actividades do filho, nomeadamente relativas à escola, uma vez que vai às festas, reuniões e contacta directamente com as educadoras.

6.7.) **Sente-se melhor actualmente** – expressão enunciada pelo pai, para explicar o seu bem-estar, actual, comparativamente com a situação pré-divórcio;

6.8.) **Verdadeiramente Pai após divórcio** – expressão enunciada pelo pai, para explicar que, devido às características da ex-mulher e à sua pressão, anteriormente não tinha espaço para ser pai.

## V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a apresentação do sistema de categorias gerado a partir da análise das entrevistas, procedeu-se à resposta a cada um das questões de investigação, formuladas no presente estudo. Para organizar as respostas considerou-se as categorias e subcategorias pertinentes, atendendo aos seus conteúdos e à literatura.

### 1) Como é o relacionamento entre o pai e o filho, depois do divórcio?

Atendendo à categoria *Relação Pai-Filho(a)*, esta diz respeito ao relacionamento entre os pais e filhos, enunciados pelos pais durante as entrevistas.

Relativamente à relação parental, de uma forma geral, um dos pais classifica-a como uma relação **Cinco Estrelas**, como se pode observar no seguinte enunciado “(...) cinco estrelas (ri-se)”, facto que pode ser explicado pela Cumplicidade que o mesmo enuncia ser **Muito grande**, quando utiliza a metáfora **Falamos sem Falar**, como pode ser observado nos seguintes excertos “(...) eu acho que temos uma cumplicidade muito grande...”, “(...) eu e o meu filho, às vezes, falamos sem falar... ele olha para mim (pausa) e acontece (...) em situações muito particulares, mas ele olha para mim muitas vezes e não diz nada mas... percebo perfeitamente o que ele quer dizer e acho que isso é... esta tal cumplicidade que me dá ali...”. A cumplicidade descrita pelos pais relaciona-se com aquilo que a literatura defende acerca da paternidade dos pais divorciados. Neste sentido, Ramires (1997) reporta que a qualidade no envolvimento entre os pais e os filhos vai evoluindo ao longo do tempo, uma vez que, quando estão juntos, ambos demonstram-se completamente envolvidos e dedicados um ao outro, aumentando assim a cumplicidade e intimidade entre eles (Ramires, 1997). A qualidade no envolvimento desta relação pode ser uma forma de compensar a ausência.

Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) mencionam que o afecto contribui para a cumplicidade e aproximação entre o pai e filho, ajudando o pai a vincular-se genuinamente. Neste sentido, três dos pais do presente estudo, enunciam comportamentos relacionados com os *Momentos Íntimos*, ou seja, momentos de intimidade que sucedem quando estão juntos. Ambos mencionam que um desses momentos de maior intimidade é quando estão **Ao lado na cama**, como se pode ver nos seguintes excertos “(...) Hum, quando a tenho ao meu lado, na cama...”, “(...) quando estamos na cama os dois” e, apenas um especifica o facto de estarem **Agarrados** na cama, como se pode ver no seguinte excerto “(...) porque está ali ao meu lado, agarrada a mim e eu a ela, e estamos assim...”. Um dos pais reporta, ainda, os momentos em que o filho está no seu **Colo**, como se pode observar no excerto seguinte “(...) estamos a ver um filme e ele vem para o meu colo assim uma coisa do género...”. Desta forma, pode-se concluir que a intimidade e afecto entre pai e filho(a)s favorece para o envolvimento do pai e, por conseguinte, o relacionamento entre eles.

A presença de uma *Nova Companheira*, foi enunciada por um dos pais que considera que esta foi um **Apoio na redefinição** (do seu papel enquanto) **Pai**, após a situação de divórcio, contribuindo, desta forma, para uma relação **Equilibrada** entre o pai e filho, como se pode observar no seguinte excerto “(...) ela ajudou-me a ser um pai melhor na medida em que me ajudou a raciocinar acerca deste novo papel de pai divorciado...”. O pai também enuncia que a sua relação é o **Mais próxima possível**, como se pode observar no seguinte excerto “(...) o mais próximo possível”. Esta proximidade pode ser explicada pelo *Contacto* (com o) *Filho* ser **Diário**, como se pode verificar no

enunciado “(...) *estou com ele todos os dias*”. E, neste sentido, o pai enuncia a existência de um nível de Satisfação muito elevado no seu relacionamento, como pode ser observado no seguinte excerto “(...) *desde há um, dois meses para cá a minha relação está top, está a um nível de satisfação muito, muito elevada...*”.

Weinraub e Gringlas (1995) mencionam que os pais divorciados desenvolvem uma maior proximidade e envolvimento na vida das crianças. Assim, os resultados encontrados relativamente à relação entre o pai e o(a)s filhos corroboram o que os autores defendem. Dois pais enunciam que a relação com as filhas é **Óptima**, quando mencionam os seguintes excertos “(...) *ótima relação*”, “(...) *agora é ótimo, até*”. Sendo que, para um dos pais, a **Óptima** relação relaciona-se com, a subcategoria, Adoração pelo **Pai**, quando este enuncia o seguinte excerto “(...) *adora o pai... (silêncio) de maneiras que temos uma ótima relação*”.

Um dos pais, já mencionados em cima, enuncia que a sua relação com o filho é **Muito fácil**, como se pode ver no seguinte excerto: “(...) *a minha relação com ele é cinco estrelas porque acaba por ser muito fácil...*”. Facto que pode ser justificado pelas Características (do) Filho, nomeadamente *psicológicas*, quando este utiliza a metáfora **Fácil Estacionar** para explicar que o filho é uma criança fácil de lidar, como se pode ver no seguinte excerto: “(...) *olhe, eu uso tantas vezes a expressão do “é fácil de estacionar”... Uso muito muitas vezes porque as pessoas (pausa) no fundo, gabam e dizem “ó pá ele é porreiro”, e ele é isto e ele aquilo e aqueloutro... é fácil de estacionar, portanto é um bocadinho... uma frase que resume, por assim dizer (pausa) essa situação.*”; “(...) *é muito fácil de lidar*”.

Ao nível das características relacionadas com o pai, um dos pais considera-se um **Pai Rigoroso** no seu relacionamento com o filho, como se pode observar no seguinte excerto: “(...) *no meu relacionamento com ele sou muito rigoroso*”. Este factor pode ser explicado pelos enunciados do pai, ao nível dos Estilos Educativos, no qual a Rigidez está presente e pode ser observada quando o pai menciona que o filho que, actualmente dorme com Mãe, em sua casa tem de **Dormir no quarto dele** “(...) *então, enquanto ele continuar a dormir com a mãe, dorme com ela...*”. Para além desse factor, o pai enuncia ainda que **Não (em) entra discussões** (com o) **Filho**, como se pode observar no seguinte excerto “(...) *não entro em discussões com um pequeno ditador...*” e **Não se escusa a dar uma sapatadinha**, quando afirma que “(...) *não me escuso a dar-lhe uma sapatadinha para o tirar daquele estado de birra...*”.

Ainda relacionado com as características do pai, foi enunciado por um deles, as **Saudades do Pai**, como um aspecto caracterizador da relação pai-filho. Esta subcategoria foi criada em função do seguinte enunciado “(...) *e tem saudades de estar connosco*”, quando o pai menciona que o filho quer estar com ele, independentemente das actividades que façam, e sente saudades de ambos. Este facto relaciona-se com as **Exigências** (das) **actividades lúdicas**, enunciada por este pai que considera um

factor stressante para ele, podendo-se observar no seguinte excerto: “(...) *é um stress inventar coisas novas para ele se sentir motivado*”.

Ao nível das questões mais instrumentais, um dos pais menciona que um dos Pontos de Ligação, entre eles, é o **Judo**, quando afirma “(...) *ele começou a fazer judo e... pronto, está a ser uma aventura muito interessante... é uma coisa que faço questão que seja mais um ponto de ligação...*” e que, por sua vez, assume um papel de aproximação entre os dois, como pode ser observado no seguinte enunciado “(...) *tem sido um factor de aproximação entre ele os dois...*”.

Já ao nível das Tarefas Domésticas, o **Pai** assume o protagonismo, subcategoria que foi identificada pelo enunciado de dois pais, quando estes afirmam: “(...) *sou eu que faço para os dois. Óbvio, ela tem cinco anos, quer dizer não tem ali tarefa nenhuma mas... essas tarefas são minhas... tenho que fazer as tarefas do pai, da mãe e dela*”, “(...) *normalmente, faço eu tudo...*”.

Para terminar de responder a esta questão de investigação, o **Tempo de qualidade** também foi enunciado por um dos pais, para descrever a sua relação com o filho, como se pode observar-se neste enunciado “(...) *passei a estar mesmo com ele de corpo e alma. Ou seja, passo a expressão, são poucos e melhores do que era nos últimos tempos de casamento*”. Este facto relaciona-se e corrobora a literatura referida anteriormente, acerca do pai e filho estarem completamente envolvidos e dedicados um ao outro, aumentando assim a qualidade do seu envolvimento, a cumplicidade e intimidade (Ramires, 1997).

Apesar de alguns autores referirem que os pais parecem desresponsabilizar-se do seu papel parental (Stone, 2002), este facto não corrobora os dados obtidos no presente estudo, uma vez que se presencia um pai envolvido com o(a)s filho(a)s e com uma qualidade de tempo, nos momentos que passam juntos.

É curioso verificar que, em alguns pais, o divórcio contribui para que o seu relacionamento com o(a)s filho(a) fosse mais próximo, comparativamente com a fase anterior ao divórcio. Neste sentido, poder-se-ia afirmar que, apesar do divórcio ser caracterizado por um sentimento de perda (Weinraub & Gringlas, 1995), em alguns casos, poderá ser um factor positivo para a aproximação entre o pai e filho(a).

Também se pode concluir que os gostos em comum, nomeadamente relacionados com o desporto, assumem um papel importante na dinâmica pai-filho(a), que poderá ser explicado pelo facto de a maioria dos filhos, deste estudo, serem do género masculino, assim como a cumplicidade existente entre ambos.

## 2) Quais são os factores de satisfação que o pai divorciado experiencia na sua relação com o(a)s filho(a)s?

Atendendo à categoria Factores de Satisfação, constatou-se que a *Cumplicidade*, presente no relacionamento pai-filho, é um dos factores de satisfação parental, enunciado por um dos pais. O pai utiliza a expressão **Falamos sem Falar**, para explicar que, através de um olhar compreende o que o filho pretende dizer, como se pode verificar neste excerto da entrevista: “(...) *eu e o meu filho, às vezes, falamos sem falar... ele olha para mim (pausa) e acontece (...) em situações muito particulares, mas ele olha para mim muitas vezes e não diz nada mas... percebo perfeitamente o que ele quer dizer e acho que isso é... dá-me... é esta tal cumplicidade que me dá ali...*”. O mesmo pai enuncia ainda que sente satisfação quando o filho **Responde(r) aquele jogo**, metáfora utilizada para explicar a cumplicidade existente entre os dois, como se pode ver no enunciado da entrevista “(...) *é tão genérica, a satisfação que tenho com ele é ele ser quem é e como é, e sinto-me muito orgulhoso por isso e muito satisfeito, extremamente satisfeito por ele (pausa) responder a este jogo (pausa) porque no fundo é... eu comecei a nossa conversa pela cumplicidade, eu acho que a minha satisfação está muito nessa cumplicidade*”.

Neste sentido, a *Relação Pai-Filho* é, igualmente, um factor de satisfação. Um dos pais enuncia que, actualmente, existe um nível de **Satisfação muito elevado** no seu relacionamento com o filho, sendo observado no seguinte excerto “(...) *desde há um, dois meses para cá a minha relação está top, está a um nível de satisfação muito, muito elevada...*”. Isto está relacionado com aquilo que já foi referido na questão anterior, nomeadamente a presença de uma *Nova Companheira*, cujo pai enuncia como um **Apoio na redefinição** (do papel do) **Pai** após o divórcio, contribuindo, assim, para a relação **Equilibrada** entre o pai e filho, como se pode observar no seguinte excerto “(...) *ela ajudou-me a ser um pai melhor na medida em que me ajudou a racionar acerca deste novo papel de pai divorciado...*”.

A presença de uma nova companheira como um apoio para o ajustamento do pai à situação pós-divórcio pode ser corroborada pela literatura. Stone (2002) reporta que os pais, com custódia parental, confiam numa nova companheira, uma vez que esta contribui para o ajustamento do pai à nova realidade. Apesar de os pais do presente estudo, não terem guarda conjunta, porque as responsabilidades parentais foram atribuídas, através de mútuo acordo e sem interferência do tribunal, este facto vem de encontro aos dados obtidos. Neste sentido, a presença de uma nova companheira também poderá ter impacto nas relações futuras dos filhos. Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) mencionam que os pais divorciados podem sentir-se satisfeitos com a separação, na medida em que poderá servir de exemplo para os filhos procurarem relações felizes e satisfatórias em detrimento de relações infelizes e insatisfatórias. Assim, embora só um pai tenha enunciado satisfação no divórcio de

uma forma clara, o facto de este ter encontrado uma nova companheira, poderá servir como um exemplo para o filho.

Ainda relacionado com a afectividade, três pais identificaram os *Momentos íntimos* que passam com o(a)s filho(a)s como um factor de satisfação. Dois pais identificam que um desses momentos é quando estão **Ao lado na cama**, do(a)s filho(a)s, como se pode ver nos seguintes excertos “(...) *Hum, quando a tenho ao meu lado, na cama...*”, “(...) *quando estamos na cama os dois*”, e apenas um especifica o estarem **Agarrados**, na cama, como um factor de satisfação, como se verifica no seguinte excerto “(...) *porque está ali ao meu lado, agarrada a mim e eu a ela, e estamos assim...*”, e o outro pai reporta a sua satisfação quando o filho está no seu **Colo**, como se pode observar no excerto seguinte “(...) *estamos a ver um filme e ele vem para o meu colo assim uma coisa do género...*”. Como já foi referido anteriormente, a troca de afectos entre pai e filho(a) aumenta a cumplicidade e aproximação do pai (Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

Aliado à tarefa parental, está outro factor de satisfação mencionado por um dos pais, quando expressa que **Guiar alguém** é, por si só, gratificante, como se pode observar no seguinte excerto: “*acho que a responsabilidade de guiar alguém é muito satisfatória*”.

A *competência parental* é também um factor de satisfação, uma vez que os níveis elevados de auto-eficácia permitem que o indivíduo sinta bem-estar e seja perseverante e, por conseguinte, a satisfação aumenta quando os pais desenvolvem níveis elevados de auto-eficácia (Hudson *et al.*, 2001). Quando questionados, os cinco pais enunciaram sentirem-se competentes, enquanto figuras parentais, como se pode verificar nos seguintes excertos: “(...) *sim, acho que sim, que me sinto competente, embora (silêncio) se calhar ia-me sentir na mesma, mesmo estando casado...*”, “(...) *sim, completamente (pausa). E não imaginava curiosamente portanto nessa perspectiva acho... não é não imaginava mas (silêncio) mas foi um exercício, foi um exercício...*”, “(...) *sim, sou mais competente agora, mais ao nível emocional (silêncio)...*”, “(...) *competente...*”, “(...) *actualmente, sim*”. As razões que levam os pais a sentirem-se mais competentes podem ser explicadas por vários factores, enunciados pelos pais nas entrevistas: (1) a maior parte dos pais têm como rede de suporte os avós, que assumem um papel de auxiliares na educação dos filhos, pelo menos, ao fim-de-semana; (2) um dos pais menciona que antes do divórcio não tinha espaço para ser pai, devido às características da mãe, particularmente, o protecționismo e a pressão sentida; (3) a redefinição do papel do pai, ajudou-o a sentir-se, novamente, competente; e (4) para alguns pais, a competência parental não sofreu alterações, desde o divórcio até à actualidade, como menciona o pai referido, em cima.

O facto de o pai ser *Valorizado pelo Filho(a)*, foi identificado por um dos pais, como um factor de satisfação parental. O pai reporta satisfação quando a filha **Corre para Pai**, “(...) *quando a*

vejo correr para mim...”, o facto de ela o deixar **Participar nas** (suas) **brincadeiras**, “(...) *participar nas brincadeiras dela...*” e, por sua vez, como o facto de a filha ver o pai **Como amigo**, “(...) *ver-me como um amigo...*”.

O *Ensinamentos do Pai* consiste noutra factor de satisfação identificado por um dos pais, quando ele afirma que o **Desporto** é, praticamente, responsabilidade sua e que se sente orgulhoso pela competência do filho. Pode-se observar este facto no seguinte excerto da entrevista: “(...) *também gosto muito e sinto-me orgulhoso de (ele) ter jeito para o desporto, ele na turma é o único que sabe andar de bicicleta sem rodinhas, é o único que sabe andar de skate, ele na turma é o único que já nada sozinho... portanto... deixa-me... gosto disso, porque acho que é tudo praticamente... minha responsabilidade... de uma forma ou de outra sou eu o rastilho para ele... ser quem é nessa perspectiva...*”. Ainda relacionado com o desporto, está outro factor de satisfação, enunciado por dois pais, ao nível dos *Gostos em comum*, sendo que um deles menciona o **Desporto**, de uma forma geral “(...) *também gosto muito e sinto-me orgulhoso de ter jeito para o desporto*”, e outro menciona o **Judo**, identificando-o como um factor de aproximação entre os dois “ (...) *o que me dá mais gozo, agora, é o judo (silêncio)*”, “(...) *esta questão do judo está a ter uma importância fundamental*”. Esta satisfação pode relacionar com aquilo que Hudson et al. (2001) mencionam ao nível da satisfação parental, na medida em que os pais necessitam de ser eficazes nas suas tarefas parentais para obter satisfação parental. Neste sentido, a satisfação em ensinar um dado desporto ao filho e ver que o mesmo tem um bom desempenho, poderá demonstrar que o pai foi eficaz nessa tarefa parental.

Outro factor de satisfação identificado pelos pais do estudo prende-se com o *Desempenho académico* que foi relatado por dois pais. Um dos pais menciona que a filha é **Ótim(a) aluno(a)**, quando afirma o seguinte: “(...) *e na escola também, ela para já é ótimo aluna*”, o outro pai reporta que o filho está **Acima da média**, quando afirma o seguinte “*em termos educativos ele está acima da média...*”.

Para terminar, o *Reconhecimento* (do pai) *pelos outros* também foi identificado como um factor de satisfação parental. Um dos pais menciona que esse reconhecimento é satisfatório quando está **Entre amigos** e estes falam da filha, como se pode ver no seguinte excerto “ (...) *quando estamos num grupo de amigos e a minha filha vem à baila e só se fala dela depois...*”. O outro pai menciona o sentimento de **Orgulho** face a esse reconhecimento “ (...) *deixa-me com algum orgulho...*” e, até comoção, quando esse reconhecimento é ao nível da **Relação Pai-Filho**, como se pode observar no seguinte excerto: “(...) *sinto-me comovido, como já aconteceu outra vez, eu sinto-me muito comovido quando vejo terceiros, portanto, pessoas externas inclusive vizinhos já aconteceu mais que uma vez (pausa), a realçar o tipo de relação que tenho com ele porque me vêm... no jardim com ele e portanto*

*já tive mais que uma vez pessoas que me chamaram a atenção disso e eu tenho que admitir que até as lágrimas me vêm ao olhos...”*.

Por fim, pode-se concluir que os factores de satisfação parental, enunciados pelos pais do presente estudo, prendem-se com aspectos relacionados com o pai e não com as características do(a)s filho(a)s. Os pais mencionam os aspectos relacionados com a relação entre o pai e filho(a)s e com a cumplicidade existente entre eles, salientam os momentos de maior intimidade e afectividade dos filho(a)s para os pais, nomeadamente quando o filho se senta no colo do pai, como enuncia um dos pais do estudo.

É curioso observar como é satisfatório o reconhecimento, enquanto figura parental, dos filhos e do grupo de pares, bem como os ensinamentos transmitidos aos filho(a)s, isto é, factores que demonstram que o pai é reconhecido enquanto figura parental. Ainda relacionado com o reconhecimento, está o desempenho académico, na medida em que os pais enunciam que o(a)s são óptimos alunos, factor que se constitui como orgulho e, igualmente, reconhecimento, para o pai.

A competência e a tarefa parental de ter alguém à sua responsabilidade, são, igualmente factores de satisfação.

### 3) Quais são os factores de *stress* que o pai divorciado experiencia na sua relação com o(a)s filho(a)s?

Atendendo à categoria Factores de Stress, foram identificados três sentimentos relativos à tarefa de educar e identificados como stressores, pelos enunciados dos pais do estudo: a *Ambivalência*, a *Incerteza* e a *Insegurança*.

A *Ambivalência* foi identificada por um dos pais, em relação às **Horas de deitar**, na medida em que este se divide entre o prolongar a hora de deitar e a noção de que não o deveria fazer, por não estar com ela tantas vezes, como se verifica no seguinte excerto: “(...) *eu sei que se calhar a devia deitar mais cedo mas sei que fico com ela tão poucas vezes que... concede ali mais um bocadinho, também quero aproveitar esse bocadinho para mim com ela, esse momento de partilha e pronto, às vezes penso assim “tens que te impor um bocadinho” e (...) essa situação causa-me um bocadinho de stress porque sei que estou fazer mal mas também não consigo dar a volta, quebrar ali... (silêncio).*”

O mesmo pai identifica a *Incerteza* enquanto stressor parental, em relação ao **Estado Filho(a)**, que se verifica quando este afirma “(...) *(Silêncio) porque não está comigo, não sei... o que se está a passar com ela, aquela incerteza...*”. Este factor está relacionado como a **Ausência controlo**, outro factor stressante mencionado pelo mesm pais, na medida em que o mesmo não tem controlo sobre o que se passa com a filha, quando esta está com a mãe, como se pode ver nos seguintes excertos: “(...) *tenho mais stress quando ela não está comigo*”, “(...) *pronto, não está a nossa beira... com quem estará, como estará...*”.

A *Insegurança* é, igualmente, identificada pelo pai anterior e pode ser observada em quatro situações: a **Distribuição do Papel Parental**, o **Estar Sozinho**, o **Medo de falhar** e o facto de ser o **Primeiro filho(a)**. Relativamente à **Distribuição do Papel Parental**, relaciona-se com o facto de o pai sentir que não tem ninguém, na mesma casa, com quem distribuir a insegurança parental, como se pode ver no seguinte excerto: “(...) quando estamos com outra pessoa (silêncio) o casal, quer se dizer, sempre podemos partilhar essas inseguranças e conversar e um colmatar a falha do outro ali em casa, hum...”. Ainda mais, o pai menciona que essa insegurança está relacionada com a ausência da ex-mulher, como afirma no seguinte excerto: “Não é com outra pessoa, é com a mãe (risos).” O **Estar Sozinho** vem no seguimento da subcategoria anterior, quando o pai menciona que estar sozinho traduz inseguranças, “(...) estando sozinho, quer dizer, é normal, acho eu, é normal que nos sintamos mais inseguros”. O **Medo de Falhar**, sentimento enunciado pelo mesmo pai relativamente à situação actual de pai divorciado, pelos motivos referidos anteriormente, como se pode ver no seguinte excerto: “(...) noto (silêncio) sei lá e como... medo, mais medo de falhar...” e, ainda, com o facto de ser o seu **Primeiro filho(a)**, como se pode observar no excerto: “(...) é a minha primeira e única filha e, quer se dizer, toda esta situação é nova, de maneiras que, pronto, sentimo-nos um bocadinho inseguros”.

Contudo, será pertinente referir que os factores de *stress*, referidos anteriormente, estão implícitos na parentalidade e, não só, nos pais divorciados. Como menciona (Webster-Stratton, 1990) a maioria dos pais experiencia fontes de *stress* devido às exigências da parentalidade, sendo que a diferença de uns pais para os outros relaciona-se com a forma como estes se confrontam com as situações stressantes. Consequentemente, perante uma situação de *stress*, os pais podem aumentar a sua competência parental enquanto que outros podem demonstrar mais conflitos, contribuindo assim, para o aumento dos factores de *stress* (Webster-Stratton, 1990).

As *Características Filho(a)*, características ou comportamentos enunciadas por três pais, são, igualmente, stressantes e organizam-se em sete categorias. Um dos pais reporta cinco delas, nomeadamente: **Cola e não descola Pai**, na medida em que o pai menciona que o filho está sempre perto dele, como se pode ver no seguinte excerto “(...) ele cola, não descola do pai... e esse não descolar...”; **Desarrumado**, como se verifica na seguinte afirmação “(...) causa-me stress ele desarrumar tudo”; **Estar em casa Pai**, traduz-se pelo *stress* que o pai identifica quando o filho está em casa, devido à desarrumação, como se visualiza no excerto “(...) e sim, causa-me stress tê-lo em minha casa”; o pai utiliza a metáfora **Macaco de imitação** devido ao facto do o filho ser muito absorvente e exigir atenção, como se pode ver na afirmação “(...) ele é muito absorvente, quer dizer há dias que parece um “macaco de repetição”, “papá, papá, papá...” e, por último, o facto de ele **Não dormir quarto ele** em casa da mãe também é um factor de *stress*, como se pode ver na seguinte afirmação “(...) ele não dormir no quarto dele, causa-me stress...”. Um dos pais menciona que o facto de o filho ser **Observador** em relação aquilo que o rodeia, lhe causa *stress* “(...) ele às vezes pára,

*está a fazer seja o que for, andar de bicicleta, skate, jogar à bola qualquer coisa e ele muitas vezes quando há outras crianças que estão a fazer outras coisas ele pára muitas vezes a olhar... para que os outros estão a fazer, isso é uma das coisas que, pronto, irrita-me um bocadinho...”*; o motivo prende-se com o facto de terem tempo limitado e do filho estar observar coisas que o pai não considera relevante, como se pode verificar neste excerto “*(...) ele deixa de fazer o que está a fazer e muitas das vezes pediu-me para fazer muito aquilo e deixa de o fazer, e irrita-me se temos um tempo limitado, porque é que ele há-de parar a ficar a olhar para terceiros... pronto (risos) é um bocadinho por isso que me irrita...”*; contudo, o pai reconhece que é uma característica do filho, “*(...) eu acho que é uma característica dele, pronto, mas irrita-me, irrita-me um bocadinho porque ele... pronto, eu também... tenho que lhe dar um bocadinho de desconto porque ali na cabeça dele observar estar a deixar que o mundo à volta dele entre naquela cabecinha mas... mas... fico, não gosto (risos)...”*. No entanto, quando esta situação ocorre e o pai acha que vale a pena observar, porque poderá ser um exemplo ou uma experiência para o filho, este já não o identifica como *stress*, como se pode verificar neste excerto: “*(...) por exemplo, vamos para a Casa da Música, temos algumas limitações de almoço ou jantar e temos uma hora (...) irrita-me por isso, se ele está ali uma hora e se gosta muito de andar de skate, porque é que há-de parar para estar ali a olhar porque anda um menino com cão, outro de bicicleta... Isto irrita-me particularmente se eu estou a ver que o que ele está a ver não é nada de especial, obviamente se ele parar a ver alguém que eu também considere que seja um exemplo ou uma experiência, eu gosto de parar porque ele está a ter uma nova experiência...”*. Por fim, um dos pais menciona que a filha **Quer atenção**, uma vez que considera que é absorvente e exigente. Num dos exemplos mencionados na entrevista, o pai fala da exigência em termos de atenção depois de um dia “menos bom” de trabalho, no qual o pai não tem tanta disponibilidade emocional para a filha, como se pode verificar no seguinte excerto: “*(...) quando ela me chateia fico irritado... Há daqueles dias de trabalho que não queremos ouvir ninguém... esse é o motivo, às vezes chego a casa e não quero falar com ninguém, correu mal e... estou com ela e ela começa a chamar atenção, ela precisa de muita atenção... e fico irritado, chateado com ela e digo à minha mãe (avó) para tomar conta dela...”*. As características dos pais e filhos, enquanto factores de *stress* parental, são consideradas no modelo de Abidin (2005), citado por Abidin e Santos (2003), como dois dos três grupos de factores de *stress*, onde se integram às características da personalidade dos filhos (Moffitt & Caspi, 2001). Neste sentido, quando um dos pais menciona que o facto do filho ser **Desarrumado** é um factor de *stress*, como ele afirma “*(...) causa-me stress ele desarrumar tudo...”, (...)* Faz-me muita confusão a desarrumação, considero muitas vezes ter outro filho por causa disso... não lido bem com o caos que uma criança consegue provocar (risos)”, pode estar relacionado com as características do pai que não são congruentes com a desarrumação do filho.

Outro factor de *stress* mencionado pelos pais, particularmente por três, foram as **Birras**, caracterizadoras da fase desenvolvimental do pré-escolar. Sendo que dois pais enunciam as (**Fazer**) **birras**, de uma forma geral, como se pode-se observar nos seguintes excertos: “*(...) os meus grandes*

*stresses são as birras”, “(...) só com as birras...”, “(...) as birras... fico irritado, mas depois passa...” e às Refeições, como se pode ver no excerto “(...) normalmente são sempre estas birras à hora das refeições, porque quer estar a ver TV na sala, porque está acabar o desenho, porque... Normalmente são essas situações, fora isso não arranja grandes problemas, “(...) a comer... Não quer comer, eu chateio-me, até saio da mesa...” e, apenas um, enuncia as birras ao Arrumar os brinquedos, “(...) ela diz: “Eu não, eu não arrumo. Arruma tu papá ou tu avó... a avó que arrume...”, são essas birras que a canalha faz...”.*

As *Características da Mãe*, características enunciadas por três pais, também foram identificadas como factores de *stress* e organizam-se em: **Risco dependência exagerada** (da) **Mãe**, na medida em que um dos pais menciona uma preocupação face à relação da mãe com o filho(a) ao nível das consequências que essa relação poderá ter no futuro do filho(a), como se pode ver nos seguintes excertos “(...) percebi que esta coisa do filho não é uma questão de substituição mas de hipercompensação...”, “(...) se isto não terminar numa determinada idade, tenho algum receio... se a mãe não der o salto em termos emocionais e continuar presa a uma relação que não existe... porque depois em termos futuros penso que os relacionamentos dele podem não ser satisfatórios, em que vai haver pontos conflitos entre a namorada do meu filho e a mãe...”.

Esta preocupação pode ser explicada por Corneau (1995) que atribui três papéis parentais ao pai, que deve assumir perante o filho. O primeiro papel consiste no de “separar” os filhos da mãe, estabelecendo assim uma relação triangular entre os três; o segundo papel, relaciona-se com a identificação de género e, o terceiro papel, relaciona-se com os afectos. Neste sentido, a preocupação do pai pode relacionar-se com o primeiro papel do pai, defendido por Corneau (1995), que se prende com a relação triangular que os filhos devem ter com os pais. Ainda, em relação às características da mãe, outro pai menciona que a mãe é **Fria**, na medida em que “(...) não liga tanto a essa situação de alimentação e se calhar proporciona-lhe, em vez de jantar em casa, comer pizza, hambúrgueres, ou isto e aquilo... e a minha filha é uma miúda muito... de carinho e a mãe é mais fria...”, e o terceiro pai identifica que a mãe do filho(a) é **Super proteccionista**, na medida em que se preocupa com vários factores e limita o filho relativamente às actividades que ele quer fazer, como se pode observar no excerto “(...) portanto, a mãe é muito absorvente, não o deixa... é super proteccionista...”. Contudo, é importante referir que as *características da mãe*, enunciadas pelos pais como um factor de *stress*, podem estar relacionadas com a condição dos pais divorciados, na medida em que estes afectam as suas práticas ou estilos parentais, e não, tanto, com a parentalidade no divórcio.

Relacionado com as rotinas familiares, um dos pais menciona que a **Dinâmica Jantar-Arrumar-Deitar** é causadora de *stress*, como se pode verificar na seguinte afirmação: “(...) a dinâmica que se cria entre o jantar, arrumar e o deitar, causa stress...”.

As **Exigências actividades lúdicas** também é um factor reportado por um dos pais, uma vez que este considera que é difícil inventar actividades novas para realizar com o filho(a), como se pode observar no excerto: “(...) *é um stress inventar coisas novas para ele se sentir motivado...*”.

Por último, o **Risco integridade física**, factor reportado por um dos pais, relaciona-se com o medo relativamente ao filho(a) em se magoar, como se pode ver no excerto: “(...) *stressa, saber que está a praticar uma actividade que pode, eventualmente, magoar-se mas ao mesmo tempo fazer com que ele não deixe de o fazer...*”.

Desta forma, pode-se concluir que os factores de *stress*, enunciados pelos pais, prendem-se com aspectos do *stress* do quotidiano (Crnic & Low, 2002), centrados na relação entre pais e o(a)s filho(a)s (Webster-Stratton, 1990) e nas crenças que estes têm em relação aos filho(a)s (Crnic & Low, 2002).

Importa, ainda, referir que as características da mãe assume, igualmente, um papel importante, uma vez que interferem nos estilos parentais dos pais, como por exemplo, o facto de a mãe ser mais fria, enunciado por um dos pais, contribuí para que o pai sinta *stress* quando a filha está com a mãe, devido às características da mesma.

Por fim, convém salientar que, alguns dos factores de *stress* enunciados pelos pais, constituem-se como factores de *stress* implícitos na parentalidade, como já foi referido anteriormente.

#### 4) **Que estratégias de coping são utilizadas pelos pais para enfrentarem as situações de stress quotidiano na relação com o(a)s filho(a)s?**

O *papel dos avós* pode ser considerado como uma estratégia ou mecanismo de *coping* face ao *stress* parental. Como mencionam Crnic e Low (2002) os factores familiares, ou individuais, poderão actuar como variáveis moderadoras no *stress* parental. Neste sentido, os avós surgem como auxiliares na Educação do(a)s neto(a)s, embora alguns pais enunciem que os avós tendem a **Desautorizar o Pai**, como se pode ver nos seguintes excertos: “(...) *o que às vezes é um bocado complicado porque eu estou a dizer uma coisa e os avós acabam por me desautorizar, quase, e de vez em quando é preciso pôr regras ali nos avós...*”, “(...) *E se o pai diz uma coisa, o avó não pode dizer outra, não é?*”, a sua presença na vida dos netos parece ser importante. Um dos pais menciona que a *Relação com Avós* é uma **Dinâmica muito especial**, como se pode ver no seguinte excerto “(...) *percebi que há uma dinâmica muito especial entre ele e os avós...*”, factor que pode ser explicado pelo facto de ser um contexto **Onde** (a filha) **foi criada**, como se pode ver neste afirmação “(...) *foi também onde ela foi criada*”. Desta forma, a Regularidade de contacto com os avós parece ser frequente, na medida em que três dos pais mencionam que o(a)s filho(a)s estão com os avós ao **Fim-de-semana**, atribuído ao pai, como se pode ver nos excertos “(...) *almoçar a casa dos meus pais, (...)* a casa do pai é a casa dos avós paternos...”. Contudo, um dos pais menciona que, quando o filho

está em casa dos avós durante o fim-de-semana, ele está presente mas não de uma forma regular “(...) *passa sábado e domingo e também dorme lá, ou com a minha mãe ou com o meu pai (risos)*”, “(...) *fica com os avós... (também) estou presente mas não de uma forma regular...*”. O último enunciado, relativo à presença do pai mas não de uma forma regular, pode ser explicado pelas Características Filho(a), particularmente com o facto de ele ser **Desarrumado** - não arrumar os brinquedos – factor de *stress* considerado pelo pai, devido à sua dificuldade em viver num ambiente desorganizado espacialmente e que o leva a considerar a possibilidade de ter outro filho(a), como se pode observar no enunciado “(...) *causa-me stress ele desarrumar tudo...*”, “(...) *Faz-me muita confusão a desarrumação, considero muitas vezes ter outro filho por causa disso... não lido bem com o caos que uma criança consegue provocar (risos)*”. Neste sentido, pode-se concluir que o facto de o filho ficar com os avós, durante o fim-de-semana, consiste noutro mecanismo de *coping* face ao *stress* provocado pela desarrumação do filho.

A subcategoria *Preocupações Parentais* consiste nas preocupações que os pais enunciaram e, alguns delas, podem ser consideradas como um factor de mecanismo de *coping*. Uma destas preocupações, enunciadas por dois pais, relaciona-se com o filho **Estar com** (outras) **Crianças** da mesma idade, como se pode ver nos seguintes excertos “(...) *faço sempre por estar com ela e por proporcionar-lhe estar com outras crianças...*”, “(...) *procuro sempre estar com casais amigos que tenham filhos da mesma idade e tenho bastantes familiares e amigos com filhos dentro dos três e seis anos...*”, “(...) *maneiras que procuro sempre estar com esses amigos... para ela poder brincar com crianças da idade dela...*”, “(...) *às vezes vêm aqui uns miúdos do lado ver um filme ou ele vai para casa deles...*”. Esta preocupação parental, pode ser explicada por uma preocupação mencionada por um dos pais, quando ele afirma “(...) *acho que é um bocadinho secante se tiver que passar o dia todo com o pai... começa a ser, se calhar, um bocadinho maçador para ela... de maneiras que procuro sempre estar com esses amigos...*”. Quando lhe é questionado o porquê dessa preocupação, este clarifica que poderá ser apenas uma percepção sua, como se pode ver na seguinte afirmação “(...) *(Silêncio) Hum... que... não lhe sei explicar bem... imagino que seja...*”. Desta forma, este mecanismo de *coping* regulariza o *stress* do pai, em relação à preocupação do mesmo em ser “maçador” por estar todo o dia com a filha. De facto, os estudos reportam que, quando os pais estão envolvidos com os filhos, estes são mais sociáveis (Rump, 2002), como se pode ver pelo contacto dos filhos com outras crianças da mesma idade, mencionados em cima.

Como já foi referido anteriormente, a existência de uma Nova companheira, enunciado por um dos pais, também pode ser considerada uma *estratégia de coping*, na medida em que se constitui num **Apoio** (para) **redefinição** do (papel) **Pai**. O pai menciona que sua presença permitiu que raciocinasse acerca do novo papel enquanto pai divorciado, como se pode ver na seguinte afirmação “(...) *ela ajudou-me a ser um pai melhor na medida em que me ajudou a raciocinar acerca deste novo papel de*

*pai divorciado...*”; factor que contribuiu para que, actualmente, a sua relação com o filho fosse **Equilibrada**, como se pode ver no seguinte excerto “(...) *hoje consigo ter uma relação equilibrada com o meu filho...*”.

Desta forma, pode-se concluir que as estratégias de *coping*, face ao *stress*, relacionam-se com o papel dos avós, com o contacto de com outras crianças e a existência de uma nova companheira.

## VI. CONCLUSÃO

Nesta secção, será referido quais são as principais conclusões retiradas do presente estudo, as suas limitações assim como as implicações para a prática e sugestões para investigações futuras.

Através dos dados obtidos pelas entrevistas, pode-se concluir que o relacionamento entre pai e o filho(a) é próximo, na medida em que a maioria dos pais estão todos os dias com os filhos e demonstram-se envolvidos na tarefa parental. Portanto, o facto mencionado por alguns autores acerca do pai divorciado desresponsabilizar-se do seu papel parental (Stone, 2002) não é corroborado pelos dados obtidos neste estudo. Também se pode concluir que o relacionamento entre pai e filhos assenta nas actividades que fazem juntos e nos gostos em comum, nomeadamente pelo desporto, sendo que este último factor pode ser explicado pela maioria dos filhos ser do género masculino. No caso, das filhas, as actividades manuais, como as colagens e desenhos, são das actividades mais frequentes, enunciadas pelos pais, e estes mencionam participar delas.

Foi curioso observar que, para alguns pais, o divórcio consistiu num factor de aproximação entre os pais e filhos e, neste sentido, pode-se concluir que, apesar do divórcio ser caracterizado por um sentimento de perda (Weinraub & Gringlas, 1995), assumiu um papel importante no relacionamento de ambos. Contudo, esta conclusão poderá não ser generalizada a outros pais, uma vez que se trata de um aspecto em particular, de alguns pais do estudo.

Ao nível dos factores de satisfação, a conclusão retirada é que se relacionam com aspectos ligados ao pai e não com as características dos filhos. Neste sentido, os pais enunciam a satisfação no seu relacionamento com os filhos, devido a factores como: a cumplicidade existente, os gostos em comum e a necessidade de afecto, que os filhos demonstram quando, por exemplo, pedem para ir para o colo do pai.

Também foi interessante observar que um dos factores de satisfação, enunciados pelos pais, se prende com o reconhecimento do seu papel parental, quer seja, pelos amigos ou vizinhos, quer seja pelo filho. Paralelamente, o reconhecimento dos filhos serem bons alunos na escola, também pode ser considerado, por si só, reconhecimento dos outros em relação ao potencial dos filhos.

A competência e a tarefa parental de ter alguém à sua responsabilidade, são, igualmente factores de satisfação.

Já em relação aos factores de *stress*, pode-se concluir que estes se prendem com aspectos do *stress* quotidiano (Crnic & Low, 2002), centrados na relação entre pais e os filhos (Webster-Stratton, 1990), nomeadamente nas características dos filhos e no *stress* associado a alguns rotinas, como por exemplo, o espaço de tempo entre o jantar e o deitar, devido às características do pai. Importa, ainda referir, que as características relativas à mãe assumem um papel importante, nos pais do presente estudo, uma vez que as práticas parentais ou estilos educativos, se orientam pela influência das características da mãe.

Também se concluiu que alguns dos factores stressantes identificados se constituem-se como factores de *stress* implícitos na parentalidade, nomeadamente os sentimentos de insegurança e incerteza, relativos à tarefa parental, e ambivalência, identificada pelas características enunciadas pelos pais que se dividem entre o dever e o querer, ao nível das tarefas educativas, a exigência das actividades lúdicas e o risco de integridade física, ou seja, o receio de o filho se magoar.

Para terminar, concluiu-se ainda que as estratégias de *coping* face ao *stress* parental se relacionam com o papel dos avós e o contacto que estes mantêm com os filhos, com o convívio dos filhos com outras crianças da mesma idade e o facto, enunciado por um dos pais, acerca da presença de uma nova companheira, como o apoio no ajustamento do papel parental.

É importante salientar, ainda, que os resultados do estudo, podem não ser generalizados a outros pais na mesma situação, uma vez que depende da percepção de cada um deles.

Após a conclusão dos resultados, é importante referir as limitações encontradas no presente estudo. Um das primeiras limitações prende-se com a dificuldade em encontrar um número considerável de entrevistas, devido à dificuldade em encontrar participantes com estas especificidades. Destaca-se ainda, o facto de alguns pais estarem divorciados há pouco tempo, contribuindo para que as entrevistas fossem, por assim dizer, contaminadas pelo relacionamento entre o pai e a ex-mulher, o tornando mais difícil a exploração do tema. Este facto relaciona-se com o litígio e a mágoa proveniente do divórcio, ainda recente. Ainda, em relação ao pai, as características intrínsecas de um dos pais, nomeadamente, as diferenças cognitivas entre eles, que demonstraram dificuldade em identificar alguns exemplos ou situação que eram pedidas, ou porque não se lembravam de nenhuma ou porque não estavam a conseguir identificar, contribuíram para que umas entrevistas fossem mais ricas, ao nível de conteúdo, do que outras.

O facto de um dos filhos ter feito três anos um mês antes da entrevista, poderá ter sido uma limitação do estudo, para compreender as tarefas implícitas da idade pré-escolar, uma vez que a autonomia do filho estava a aumentar, mas pai continuava focada nas tarefas dos dois anos de idade.

Salienta-se outras limitações, implícitas à investigação em geral, nomeadamente o facto de os pais não aparecerem às entrevistas agendadas, desmarcarem, sem aviso prévio, ou, simplesmente, não manterem o contacto, via telemóvel.

Das limitações do estudo e dos dados obtidos no presente estudo, salientam-se as seguintes sugestões para estudos futuros. Em primeiro lugar poderia ser importante estabelecer como critério de inclusão, o número de anos que passaram desde o divórcio. Neste sentido, o litígio e a mágoa do divórcio não dificultariam a exploração da temática. De facto, este factor foi observado com os pais divorciados até há um ano atrás, já nos pais divorciados há dois ou três anos, este factor já não foi tão evidente. Ainda relacionado com os critérios de inclusão, seria pertinente especificar, ainda mais, a idade dos filhos, isto é, incluir-se filhos com idades entre os três anos e meio e os cinco anos de idade. Desta forma, a enunciação das tarefas do pré-escolar seria mais enriquecedora e não influenciada pela transição para esta fase desenvolvimental.

Poderia ser, igualmente, interessante realizar um estudo comparativo entre os pais e as mães divorciados, relativamente à sua percepção dos factores de *satisfação* e *stress*, de modo a compreender as suas diferenças. Este estudo poderia ser realizado com os casais separados, se isso não fosse um obstáculo para os participantes, e desta forma, realizar um estudo comparativo destes factores na mesma situação, isto é, com a mesma criança. Também poderiam ser realizados estudos que explorassem o impacto positivo do divórcio no relacionamento entre pai e filho, isto é, compreender se o divórcio poderá ser, em alguns casos, um factor de aproximação entre pais e filhos ou se se tratou de um caso específico, do presente estudo.

De modo a concluir as conclusões do presente estudo, é importante mencionar, ainda, quais são as implicações para a prática. Neste sentido, poderia ser realizados programas parentais, cujo objectivo seria preparar os pais para a condição de pais divorciados, reduzindo alguns dos sentimentos enunciados pelos pais do estudo, como a insegurança e a incerteza. Também poderia ser interessante promover mais grupos de apoio para os pais divorciados. Frieman (2002) menciona, no seu artigo, a existência de um grupo de apoio a pais divorciados, que participavam em vários seminários e discutiam as preocupações parentais do quotidiano, nomeadamente, o bem-estar dos filhos, como manter uma relação adequado com a ex-mulher, os factores de *stress* sentidos e, ainda, a promoção de estratégias de *coping* para lidar com estas variantes. Uma das sugestões mencionadas neste artigo como estratégia de *coping* face ao *stress* parental, seria a prática de exercício físico.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abidin, R., & Santos, S. V. (2003). Índice de Stress Parental (PSI) – Manual. Lisboa: Cegoc.
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Appl, D., Brown, S., & Stone, M. (2008). A father’s interactions with his toddler: personal and professional lessons of early childhood educators. *Early Childhood Education Journal*, 36, 127-134. DOI 10.1007/s10643-008-0263-2.
- Balancho, L. (2004): Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22, 377-386.
- Bandeira-de-Mello, R., Cunha, C. (2003). Operacionalizando o método da Grounded Theory nas Pesquisas em Estratégia: técnicas e procedimentos de análise com apoio do software ATLAS/TI. *Encontro de Estudos em Estratégia*. Curitiba, Brazil.
- Barroso, R. & Machado, C. (2011). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52, 211-230.
- Bayle, F. (2005). A Parentalidade. In Leal, I. (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* [pp. 317-346]. Lisboa: Fim de Século.
- Bayle, F., & Martinet, S. (2006). *Perturbações da Parentalidade*. Lisboa: Climpesi Editores.
- Blankenhorn, D. (1995). *Fatherless America: Confronting Our Most Urgent Social Problem*. New
- Brage Hudson, D., Campbell-Grossman, C., Elek, S., Fleck, M., & Shipman, A. (2003). Effects of the new parents network on first-time fathers’ parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217 – 229. doi:10.1080/01460860390246687.
- Cain, D., & Orme, T. (2005). Family structure effects on parenting stress and practices in the African American family. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 22.

Costa, C. (2011). *Indutores do Stress Parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da área Clínica e da Saúde não publicada, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

Cowan, C., & Cowan, P. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: why they are needed and what they can do. *Family relations*, 44, 412-423.

Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting, volume 5, Practical Issues in Parenting* (pp. 243-267). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. [Em linha]. <http://www.google.com/books>. [Consultado em 04/05/2011].

Cruz, O. (2005). Parentalidade. Coimbra: Quarteto.

Cuskelly, M., Hauser-Cram, P., & Van Riper, M. (2008). Families of children with down syndrome: What we know and what we need to know. *Down Syndrome, Research and Practice, Advance Online Publication*. 105-113. doi:10.3104/reviews/2079.

Dabrowska, A., & Pisula, E. (2010). Parenting stress and coping styles in mother’s and father’s of pre-school children with autism and Down syndrome. *Journal of Intellectual Disability Research*, 54, 266-280.

Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14 (29), 347-357.

DeGarmo, D., Patras, J., & Eap, S. (2008). Social Support for Divorced Father’s Parenting: Testing a Stress-Bufering Model. *Family Relations*, 57, 35-48.

DOI:10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x

Edwards, C. (1995). Parenting Toddlers. In Bornstein, M. (Eds.), *Handbook of Parenting, volume 1*, (pp.41-66). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Elek, S., Brage Hudson, D., & Bouffard, C. (2003). Marital and parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: The effect of infant sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 45 – 67. doi:10.1080/0146 0860390183065

Fitzgerald, H. E., & Montanez, M. (2001). Fathers as facilitators of infant mental health: Implications for Early Head Start. *Zero To Three*, 21, 25–28.

Gomes, M. (2010). *(Des)Complexificando os estilos parentais, com pais casados e pais divorciados/separados*. Dissertação em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

Gomez, R. (2005). O pai: paternidade em transição. In Leal, I. (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* [pp. 257-285]. Lisboa: Fim de Século.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise do conteúdo, sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora.

Halme, N., Marja-Terttu, T., Nummi, T., & Asted-Kurki, P. (2006). The effect of parenting stress on father's availability and engagement. *Child Care in Practice*, 12 (1), 13-26.

Heinicke, C.M. (1995). Determinants of the Transition to Parenthood. In Bornstein, M. (Eds)., *Handbook of Parenting, volume 4*, (pp.277-303). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1995). Parenting in divorce and remarried families. In Bornstein, M. (Eds)., *Handbook of Parenting* (pp.233-254). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Horn, W. (2006). Fatherhood, Cohabitation and Marriage. *Gender Issues*, 21-35.

Hudson, D., Campbell-Grossman, Fleck, M., Elek, S., & Shipman, A. (2003). Effects of the new fathers network on first-time fathers parenting self-efficacy and parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217-229.

Hudson, D., Elek, S., & Fleck, M. (2001). First-time mothers and Father's Transitions to Parenthood: infant care, self-efficacy, parenting satisfaction and infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 24, 31-43.

Instituto Nacional de Estatística [em linha]. Disponível em: [www.ine.pt](http://www.ine.pt). [Consultado em: 22/6/2012]

Kwon, J. (2007). The relationship between parenting stress, parental intelligence and child behavior problems in a study of Korean preschool mother's. *Early Child Development and Care*, 177 (5), 449-460.

Layder, D.(1993). *New strategies in social researches*. Cambridge: Polity press.

Lee, C., & Doherty, W. (2007) Marital Satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5, 75-96.

Lee, P., & Brage, D. (1989). Family life education and research: toward a more positive approach. In M. Fine (Ed.). *The second handbook on parent education: contemporary perspectives*. (pp.347-378). New York: Springer.

Levant, R.F. (1988). Education for fatherhood, fatherhood today. *Men's changing role in the family*. In P. Bronstein, P. Cowan (Ed.). New York: John Wiley Songs.

Madsen, S. A., Lind, D. & Munck, H.( 2007). Men's Abilities to reflect their infants states of mind. *Nordic Psychology*, 59, 149-163.

Mallers, M., Charles, S., Neupert, S., & Almeida, D. (2010). Perceptions of Childhood relationships with mother and father: daily emotional and stressor experiences in adulthood. *Development Psychology*, 46, 1651-1661,

Mammen, O. K., Kolko, D. J., & Pilkonis, P. A. (2003). Parental cognitions and satisfaction: Relationship to aggressive parental behavior in child physical abuse. *Child Maltreatment*, 8, 288- 301. doi:10.1177/1077559503257112

Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2001). Childhood predictors differentiate life-course persistent and adolescence-limited antisocial pathways among males and females. *Development and Psychopathology*, 13, 355–375.

Mota-Cardoso, R., Araújo, A., Ramos, R., Gonçalves, G., & Ramos, M. (2002). *O Stress nos professores portugueses, Estudo IPSSO 2000*. Porto: Porto Editora.

Mouton, P. Y., & Tuma, J. M. (1988). Stress, locus of control, and role satisfaction in clinic and control mothers. *Journal of Clinical Child Psychology*, 17, 217 – 224. doi:10.1207/s15374424jccp1703\_4

Ostberg, M., Hagekull, B., & Hagelin, E. (2007). Stability and prediction of parenting stress. *Infant and Child Development*, 16, 207 – 223. doi:10.1002/icd.516

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: Editora McGRAW-HILL.

Pinto, V. (2005). Ética nos comportamentos reprodutivos. In Leal, I. (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* [pp. 195-222]. Lisboa: Fim de Século.

Putnick, D., Bornstein, M., Hendricks, C., Painter, K., Suwalsky, J., & Collins, A. (2010). Stability, Continuity, and similarity of parenting stress in european American mother’s and father’s across their child’s transition to adolescence. *Parenting: Science and Practice, 10*, 60-77.

Ramires, V. ( 1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Relvas, A. (2004). *O Ciclo Vital da Família*. (5 ed.). Porto: Edições Afrontamento, 3ª Ed.

Ricciuti, H. (2004). Single parenthood, achievement and problema behavior in white, black and Hispanic children. *The Journal of Education Research, 97*, 196-206.

Rump, M. L. (2002). Involving fathers of young children with special needs. *Young Children, 57*(6), 18–20.

Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Amadora: Editora McGRAW-HILL.

Stone, G. (2002). Nonresidential father post-divorce well-being: the role of social supports. *Journal of Divorce e Remarriage, 36*, 139-150.

Taskin, N., & Erkan, S. (2009). The influence of father education programs on the levels of father involvement with children: an experimental study. *H.U. Journal of Education, 37*, 136-148.

Vieira, J. M., Ávila, M., & Matos, P. (2012). Attachment and Parenting: The Mediating Role of Work-Family Balance in Portuguese Parents of Preschool Children. *Family Relations, 31*, 50-31.

Webster-Stratton, C. (1990). Stress: A potential disruptor of parent perceptions and familinteraction. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*(4), 302-312.

[http://www.incredibleyears.com/Library/items/stress-a-potential-disruptor\\_10-90.pdf](http://www.incredibleyears.com/Library/items/stress-a-potential-disruptor_10-90.pdf) (23.06.12).

Weinraub, M., & Gringlas, M. (1995). Single Parenthood. In Bornstein, M. (Eds)., *Handbook of Parenting* (pp.65-87). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Williford, A., Calkins, S., & Keane, S. (2006). Predicting change in parenting stress across early childhood: child and maternal factors. *J. Abnorm Child Psychol, 35*, 251-263. York: Basic Books.

## **Anexos.**

---

## Anexo I: Guião de Entrevista

Dimensões	Sub-dimensões	Exemplos de perguntas	Observações
<b>Caracterização do Pai e Filho(a)</b>	Dados Sociodemográficos  Agregado familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se chama? - Qual é a sua idade? - Pode falar-me das suas habilitações académicas?</li> <li>- Que profissão exerce actualmente? Há quantos anos exerce essa profissão?</li> <li>- Quantos filhos tem? Como se chamam? E quantos anos têm? - O seu filho frequenta o ensino pré-escolar? - O seu filho tem irmãos (meios-irmãos)?</li> </ul>	
<b>Relacionamento entre Pai e Filho(a)</b>	Quotidiano  Tempo juntos (actividades)  Pré-escolar  Divórcio  Estilo educativo/Disciplina	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como descreve a sua relação com o(a) seu filho(a)? Sente que houve mudanças no vosso relacionamento após o divórcio?</li> <li>- Descreva um dia, de semana e fim-de-semana, com o(a) seu filho(a).</li> <li>- Que actividades costumam fazer juntos?</li> <li>- E em casa, como partilham as responsabilidades domésticas? O seu filho costuma ajudar nas tarefas?</li> <li>- Como é o comportamento do seu filho?</li> <li>- O que costuma fazer quando o seu filho não cumpre as regras, em casa? Como gere a disciplina do seu filho?</li> <li>- Relativamente à escola, acompanha a vivência do seu filho na escola? De que forma?</li> <li>- Como se descreve, enquanto pai, antes e depois do divórcio?</li> </ul>	
<b>Factores de Satisfação</b>	Quotidiano Auto-eficácia Apoio Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Enquanto pai, quais são os momentos em que se sente mais feliz?</li> <li>- Sente-se competente enquanto pai?</li> <li>- Costuma sentir-se orgulhoso do seu filho? Pode descrever-me uma das situações em que isso ocorre?</li> <li>- Quais são as suas principais satisfações enquanto pai de uma criança no pré-escolar?</li> <li>- há alguém que costume apoiá-lo na tarefa de educar os seus filhos? Pode dar-me um exemplo? E como lida com isso?</li> </ul>	
<b>Factores de Stress</b>	Normativo Divórcio Pré-escolar Mecanismos de Coping	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é uma situação de <i>stress</i> para si, enquanto pai? Que situações lhe costumam provocar <i>stress</i> enquanto pai? Como lida com isso?</li> <li>- Costuma sentir-se irritado, quando está com o seu filho? E o que faz para ultrapassar isso?</li> </ul>	

## CONSENTIMENTO INFORMADO

### Entrevista

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo que os dados obtidos através da minha entrevista sejam usados na dissertação designada por “Factores de Satisfação e *Stress* no Pai Divorciado com Filhos em idade Pré-escolar”, realizada pela Dra. Joana Cruz, no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto.

Compreendo o objectivo principal deste estudo que consiste em compreender a os factores de satisfação e *stress* das figuras parentais.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada directamente com este estudo.

\_\_\_\_\_, \_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Assinatura:

\_\_\_\_\_